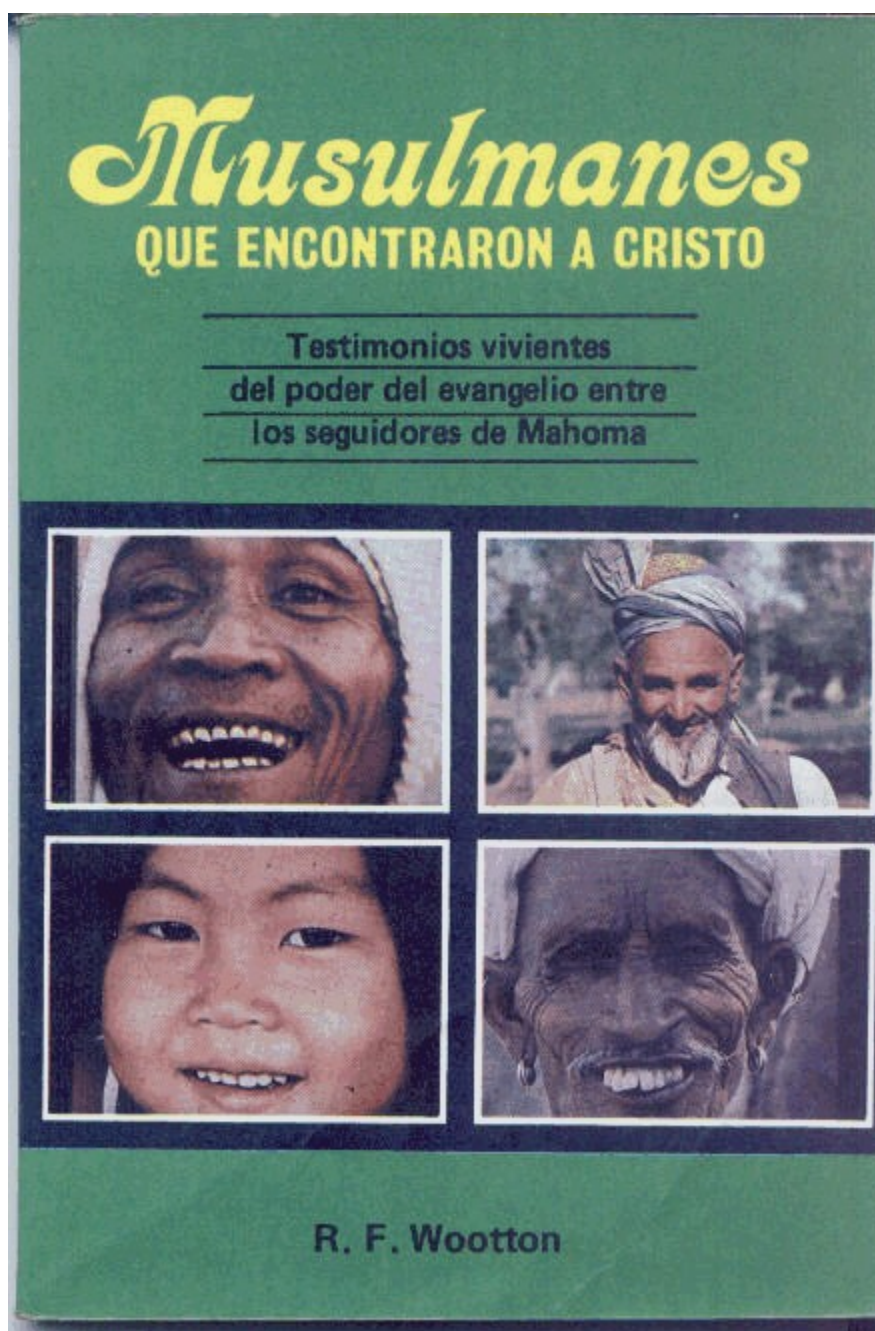




MUÇULMANOS QUE ENCONTRARAM A CRISTO

Testemunhos Vivos do Poder do Evangelho entre os Seguidores de Maomé

Muçulmanos que encontraram a Cristo

R. F. Wootton

Editora Sepal

Treze pessoas provenientes de diferentes realidades de vida e que estão vivendo na ampla faixa islâmica, que se estende desde a África Ocidental até o longínquo Oriente (passando por Marrocos, Serra Leoa, Nigéria, Irã, Afeganistão, Índia, Indonésia, etc.), relatam-nos a maneira como obtiveram a salvação eterna, mediante o Senhor Jesus Cristo, e as dificuldades a que se expuseram, posteriormente, por causa de sua nova fé. Ser um discípulo de Jesus Cristo naquelas latitudes não é nada fácil!

Seus testemunhos são impactantes e evidenciam, mais uma vez, que Jesus Cristo é o único que pode salvar os pecadores. O Salvador que todo ser humano deveria ter a oportunidade de conhecer pessoalmente.

Quantas histórias, tão maravilhosas quanto estas, poderiam ser escritas, se nossas igrejas latino-americanas se despertassem, com fervoroso amor, para o desafio que o relegado mundo muçulmanos, com mais de um bilhão de adeptos, nos apresenta?

Você está disposto a fazer a sua parte para que outros muçulmanos sejam colocados na lista dos remidos pelo precioso sangue do Cordeiro de Deus? Esta é a hora de Deus para os muçulmanos! Esta é a hora para a Sua Igreja!

Traduzido do original em espanhol:
Musulmanes que Encontraron a Cristo

@ 1987 Misiones Mundiales
Casilla 711, 3000 Santa Fé, Argentina
Traduzido por Elça Martins Clemente
@ 1993 por Editora Sepal e Edições Kairós

Todos os direitos reservados na língua portuguesa por
Editora Sepal
Caixa Postal 2029
01060-970 - São Paulo - SP
Telefone: (11) 5523-2544
editorasepal@uol.com.br
www.editorasepal.com.br

Salvo onde outra fonte for indicada, as citações bíblicas
foram extraídas da Edição Revista e Atualizada da

Sociedade Bíblica do Brasil.

Agradecimento

Queremos expressar nossa gratidão ao P.M.I. e a Misiones Mundiales da Argentina, os quais cederam os direitos autorais deste livro e também nos ajudaram a conseguir os direitos de outros livros sobre o assunto para publicação em português.

Agradecemos a todos os que ajudaram com tradução, revisão e sugestões, à Missão Portas Abertas que gentilmente cedeu a foto utilizada na capa e, em especial, ao missionário Ted Limpic que, com amor, dedicação, esforço e recursos, ajudou a tornar possível a publicação deste livro.

ÍNDICE

Prólogo

Prefácio

1. Vou servi-lo toda a minha vida
2. O velho Ghulam já morreu
3. A dinâmica do amor
4. Todos darão glória a Jesus Cristo
5. Fui perdoado
6. Encontrei o gozo verdadeiro
7. Tudo foi diferente
8. Como posso reconciliar-me com um Deus Santo?
9. Pastor de todo o povo
10. O doador da paz
11. Um despertar total
12. Era tudo que havia sonhado
13. Com Cristo vivo em plenitude

Se você é muçulmano

Glossário

Prólogo

No Cristianismo Ocidental há duas premissas que influíram notavelmente em nossa concepção do povo muçulmano. De um lado, existe a idéia de que o Islamismo é uma religião oriental e, portanto, tem sido dada pouca atenção à sua expansão atual, principalmente na Europa e América. De outro lado, a idéia de que os muçulmanos são um dos povos mais difíceis de ganhar para o evangelho, e que raramente algum chega a se converter a Cristo vem se ampliando entre os cristãos.

É necessário que reconsideremos ambos os pontos de vista, pois em poucas décadas produziram-se notáveis e vertiginosas mudanças. O Islamismo está crescendo a passos largos e já se fala de um avivamento muçulmano sem precedentes nos últimos séculos. Eles estão preparando e enviando missionários do Alcorão para reconquistar a Europa e chegar ao Novo Mundo. O poder aquisitivo de seus invejáveis petrodólares árabes, unido ao fanatismo de seus seguidores são algumas das explicações do fenômeno de expansão desta religião monoteísta.

Por outro lado, começamos a notar indícios claros de que a irmandade islâmica não é tão impermeável ao Evangelho como aparenta ser. Alguns se aventuram a supor que nos encontramos próximos de um evidente movimento do Espírito Santo que produzirá uma colheita abundante de muçulmanos para o reino de Deus.

Nesta edição de “Muçulmanos que encontraram a Cristo”, apreciaremos através de vários testemunhos que, embora não sejam tantos como estamos acostumados a ver na América Latina, Deus está salvando e transformando discípulos de Maomé mediante o glorioso poder de Jesus Cristo. Estes relatos vivos são provenientes de pessoas que habitam na ampla faixa verde que engloba o islamismo desde a África Ocidental até o loongínquo Oriente. Com suas próprias palavras eles nos mostram de que forma obtiveram a salvação eterna e as dificuldades a que se expuseram posteriormente. Ser um discípulo de Jesus Cristo não é nada fácil nesses países.

Nesta hora crucial vivida pela Igreja Evangélica Ibero-Americana, tanto pelo grande incremento numérico como por sua crescente projeção missionária mundial, os quase um bilhão de muçulmanos que vivem atualmente no mundo representam o maior desafio à evangelização transcultural. É um campo que, como poucos, deve ser arado com a oração clamorosa de seu povo e com a sementeira incansável e abnegada da Palavra de Deus. Para a pregação da Sua Palavra, o Senhor está usando missionários, não somente os “ruivos” anglo-saxões do Atlântico Norte (que felizmente já captaram esta visão já há muitas

décadas), mas também daqueles de pele morena que estão começando a sair do mundo latino.

Embora as diferenças entre as culturas latina e muçulmanas possam ser bem marcantes, existem, entretanto, algumas pontes de comunicação que nos aproximam destes últimos de maneira privilegiada. Para isso, há raízes de caráter histórico (a Espanha esteve sob o domínio muçulmano durante oito séculos até 1492, o mesmo ano do descobrimento da América); de caráter lingüístico (cerca de 6.000 vocábulos espanhóis são derivados do árabe); de caráter fisionômico (as características dos latinos e árabes e outros orientais confundem-se freqüentemente devido a uma notável semelhança); de caráter sócio-cultural (pertencemos ao Terceiro Mundo); etc.

Isto nos leva a crer cada vez com mais convicção que se há um povo no mundo que deveria ser idôneo para alcançar os muçulmanos, esse povo é o nosso, os latinos. Lembremo-nos de que não encontramos os muçulmanos somente no Saara ou em Bangladesh. Milhares deles vivem entre nós na América Latina. Publicamos este livro com a oração de que mais de um crente, ao lê-lo, seja motivado a crer que Deus o usará para testemunhar Cristo ao seu vizinho muçulmano, e por que não, que também um dia não muito distante, inclusive possa transpor as fronteiras de seu país e alcançar aqueles lugares onde jazem multidões sob a sombra de Maomé aguardando o conhecimento do verdadeiro Deus por meio de Jesus Cristo.

Quantos outros testemunhos maravilhosos, como os que estão relatados neste livro, poderiam ser escritos se nossas Igrejas despertarem com um fervoroso amor ao desafio que nos apresenta o relegado mundo muçulmano? Você fará a sua parte para que outros muçulmanos sejam acrescentados à lista do redimidos pelo precioso sangue do Cordeiro de Deus?

Esta é a hora de Deus para os muçulmanos!

Esta é a hora de para sua Igreja latino-americana!

Frederico A. Bertuzzi

Santa Fé, 6 de novembro de 1987

Prefácio

A relação histórica entre muçulmanos e cristãos através do séculos foi sempre triste e vergonhosa. Os cristãos não cumpriram seu dever de amar seu próximo (seja qual for seu credo) como a si mesmos.

Ao mesmo tempo, os muçulmanos nem sempre levaram a sério as palavras de seu profeta: *“Encontrarão que aqueles que mais próximos em afeto estão dos crentes são os que dizem: Eis aqui, somos cristãos.”* (Alcorão 5.85)

Sem considerar o que os muçulmanos fizeram os cristãos sofrer em diversas épocas, podemos afirmar com certeza que já acabaram os vergonhosos crimes perpetrados contra o povo muçulmano, especialmente durante as Cruzadas da Idade Média e o período de exploração colonial.

A amarga e prolongada luta do passado nos legou uma triste herança, principalmente à luz do que existe de comum entre as duas religiões: a crença num Deus verdadeiro e único, criador do céu e da terra; dos anjos e dos homens; que por meio dos profetas (muitos dos quais reconhecidos por ambas as religiões) revelou sua santa vontade aos homens e exigiu-lhes adoração e reverência; que ouve suas orações; e um dia os chamará para o juízo; e é o único que pode ser glorificado, exaltado e adorado: o Deus bendito para sempre. Amém!

Este não é um livro de estudo para aqueles que desejam aprender os ensinamentos do Islamismo, embora nos testemunhos haja algumas chaves das crenças e práticas desta religião. O que realmente desejamos é que os cristãos, ao ler este livro, adquiram um conhecimento elementar da fé e da vida dos seus amigos muçulmanos. Ao mesmo tempo, esperamos que os muçulmanos que o leiam possam descobrir os fatores que levaram muitos do seu povo a professar a fé cristã. É evidente que não estamos insinuando que alguns destes testemunhos, particularmente em seus detalhes, devam considerar-se como a experiência normal de todos os que chegam a ter a fé em Cristo. Obviamente, o Senhor soberano tem um plano diferente para cada um.

Estas histórias foram escritas por pessoas muito diferentes entre si e de diversas nacionalidades. Com exceção de uma, todas são relatadas por seus próprios protagonistas. Alguns têm uma alta posição social e receberam uma boa educação; outros provém de famílias humildes. Em nenhum momento os autores negam os aspectos positivos do Islamismo, e muitos deles mantêm um respeito profundo por sua religião anterior. Sua experiência se baseia em Jesus (Issa); e o Alcorão (seu livro sagrado) e a doutrina ortodoxa muçulmana aceitam que Jesus nasceu de uma virgem, fez muitos milagres, viveu uma vida sem pecado, subiu ao céu e irá voltar à terra no fim dos tempos. O que eles querem comunicar é, simplesmente, como Deus, de uma maneira totalmente

nova, chegou a ser real para eles por meio de Jesus, seu Salvador e Senhor, e como sua vida presente adquiriu um novo sentido ao receber a certeza da salvação eterna.

Espero que suas palavras sejam recebidas com uma mente aberta, sirvam de estímulo para buscar a verdade na pessoa de Jesus Cristo, e animem aqueles que tenham oportunidade de compartilhar sua fé com seus amigos muçulmanos.

R. F. Wootton

Capítulo 1

Vou servi-Lo toda minha vida

Ahmad Soussi

Marrocos

Aos dezessete anos, deixei o pequeno povoado onde nasci e viajei para Casablanca para continuar meus estudos secundários, vivendo com meu tio e ajudando-o em seus negócios. Na cidade adaptei-me ao que a maioria fazia. Não era difícil encontrar mulheres e homens da rua. Fiz amizade e logo tornei-me um deles. Fracassei nos meus exames e colhi o que havia semeado.

Um dia, a esposa do meu tio encontrou em minha mesa uma foto na qual eu aparecia com algumas moças. Meu tio escreveu para meu pai pedindo-lhe que viesse logo. Quando ele chegou, perguntou-me onde tinha passado o tempo.

— Jogando futebol — eu lhe disse.

Ele me mostrou a foto com as moças e exclamou:

— Vai embora, filho perverso. Você não é digno de ter a mim como pai! Saí de casa e caminhei sem rumo pelas ruas. Um de meus velhos amigos pediu-me que lhe contasse o ocorrido. Depois de dizer-lhe tudo, ele me perguntou:

— Por acaso você se esqueceu que eu passei pelo mesmo há cinco anos? Entretanto, não desanimei. Finalmente, agora, estou livre da autoridade de meus pais!

— Você pensa que por estar perdido, você é livre? — exclamei.

— Chame do que você quiser — disse. O importante é que eu sei onde posso encontrar um pedaço de pão e um lugar para dormir. Em nosso país não se pode pedir mais que isso. Se eu estou perdido, você também o está. Se você vier comigo, conhecerá o nosso líder e poderá trabalhar conosco.

O amigo conseguiu convencer-me, pois eu não tinha comida nem emprego. O chefe da quadrilha ensinou-me a roubar. Roubei durante sete meses e assim obtive o dinheiro suficiente para comer, fumar e beber. Mas a polícia descobriu o nosso esconderijo e uma vez mais encontrei-me na rua. Então, com um amigo, trabalhei como carregador no mercado de verduras. Um certo dia, meu amigo e eu tiramos a carteira da bolsa de uma senhora. Fomos pegos e levados à delegacia de polícia. Confessamos o roubo e devolvemos o dinheiro que nos restava. Quando o policial perguntou à mulher se queria acusar-nos formalmente, ela respondeu:

— Não. Quero perdoá-los porque Jesus também me perdoou e perdoa o pecado de todos.

Estas palavras tocaram meu coração com um efeito duradouro. Quem é Jesus? Por que Ele perdoa? Durante esse tempo, várias perguntas sem resposta me passaram pela cabeça.

Mas a lei não perdoa como Jesus e fui condenado a sete meses de cadeia. Meu pai sabia onde eu estava. Quando me libertaram, ele foi ao meu encontro. Com os olhos cheios de lágrimas, pedi-lhe que me perdoasse, e ele me perdoou.

No ano seguinte, meu pai matriculou-me numa escola de estudos corânicos. Para agradá-lo, resolvi aceitar. Nesta época, li muitos livros de história, especialmente sobre a ocupação romana no norte de África. Compreendi que antes do islamismo, a religião de nossos antepassados havia sido o Cristianismo. Os exércitos muçulmanos haviam obrigado as pessoas a aceitarem sua religião e, por isso, nós também a seguíamos. Meu coração se encheu de dúvidas e deixei de rezar porque jamais tinha encontrado satisfação espiritual. Por essa razão, me consideravam não-religioso e tive que abandonar a escola.

A convite do meu tio, algum tempo depois voltei a Casablanca. Conheci, então, um homem chamado Kamel, oriundo do Oriente Médio e proprietário de um restaurante. Certa vez, perguntei-lhe sua opinião sobre religião e respondeu-me:

— Bem, Ahmad, eu sou cristão e não muçulmano como você pensa.

— Mas você é árabe — disse-lhe. Por acaso há cristãos entre os árabes?

— Talvez você se esqueça que na região do Oriente Médio houve muitas tribos e reinos cristãos. Vocês aqui no norte da África pensam que somente os europeus são cristãos, mas isso não é verdade.

Esse homem, então, entregou-me um Novo Testamento para que o lesse.

Quando cheguei em casa, tranquei-me em meu quarto e comecei a lê-lo. A primeira coisa que me causou impacto foi o fato de que o evangelho estava em árabe e que sua mensagem era válida para todo o mundo e todas as raças. Pude, então, saber com toda a certeza que Jesus havia dito “aquele que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora” (João 6.36).

Em outra ocasião visitei Kamel e ele perguntou-me se eu já havia lido o Novo Testamento e o que tinha achado. Respondi-lhe que já o havia lido e que os muitos versículos que falavam do amor de Cristo haviam me comovido.

— E com relação à salvação? — ele me perguntou. Você leu que quem quer que n’Ele creia, terá seus pecados perdoados?

Nada lhe respondi nesse momento, mas obtive os endereços de vários Institutos que ofereciam cursos bíblicos por correspondência e pedi que me enviassem alguns. Por meio deles, meus olhos se abriram para a verdade de Deus. Para aprofundar meu conhecimento da Palavra de Deus, comecei a participar de estudos bíblicos com um irmão em Cristo.

Existe uma grande diferença entre meu passado e meu presente. Meu passado era escuro, cheirava a álcool, mulheres e pecado. Meu presente é luz, cheio da alegria e da tranquilidade que provêm da fonte de toda a paz — Jesus.

Meu tio não havia notado a diferença. Uma noite, após o jantar, assisti a uma reunião sem perceber que um vizinho, mandado por meu tio, estava me seguindo. Quando voltei, meu tio atacou-me e na manhã seguinte, acompanhado pelo meu vizinho, levou-me à delegacia de polícia. O oficial perguntou-me se eu havia roubado algo, pois o roubo é a queixa mais comum.

— Não roubou nada, — disse meu tio — mas o que fez é muito mais grave e deve ser dito publicamente. Ele negou sua religião. Eu preferiria que ele tivesse roubado algo; isso nada seria em comparação ao que fez.

— O senhor nada tem a ver com sua religião e sua fé — disse o policial. Se ele trabalha honestamente, pode pensar o que quiser. Isso não compete à autoridade

E, assim, deixou-me ir.

Meu tio, desiludido, incitou os vizinhos para me desprezarem e insultarem. Meu único consolo eram as palavras do Evangelho. Alguns dias depois fui convocado a comparecer perante um conselho composto por meu pai, meu tio, um vizinho, três líderes religiosos e algumas outras pessoas. Orei antes de entrar na sala para que Deus me desse força e Ele me fez lembrar: “aquilo que vos for dado naquela hora, isso falai; porque não sois vós os que falais, mas o Espírito Santo.” (Marcos 13.11)

Um dos líderes religiosos começou a reunião, dirigindo-se a mim:

— Ouça, meu amigo, não aceite outra religião. Não seja tentado a mudar, porque as consequências são muito graves.

Esperei que finalizasse e disse:

— Ouçam, meus amigos, vocês já ouviram falar de Jesus e seus milagres? Ele curou os enfermos, acalmou tempestades, ressuscitou os mortos, viveu uma vida sem pecado, morreu na cruz. O mesmo foi levantado dentre os mortos, subiu ao céu e vai voltar. Vocês querem crer nEle?

Todos me olharam assustados, enquanto o líder religioso me esbofeteou:

— Como você pode abandonar a religião de seus pais e seus avós?

— A fé não é uma herança que se recebe dos pais — repliquei. É o resultado da ação do Espírito Santo. Sempre serei, fisicamente, o filho de meu pai, mas espiritualmente sou um filho de Deus. Ele me libertou da escravidão do pecado. Como vocês podem querer que eu volte à escravidão?

Então, o líder religioso gritou energicamente para os presentes:

— Advirto-os que qualquer que coma ou durma sob o mesmo teto de um infiel como este, será o mesmo que ele: um infiel.

Assim, pela terceira vez, lá estava eu na rua, sem trabalho e sem lar. Lembrei-me de um amigo que era carpinteiro e fui vê-lo. Fiquei alguns dias com ele. Meu testemunho comoveu-o, e, depois de algum tempo, ele também creu no Senhor Jesus como seu Salvador.

Enquanto isso, não deixei de orar por um emprego. Um dia ouvi uma voz atrás de mim:

— Ahmad, venha aqui.

Era Brahim, amigo de meu pai, um importante homem de negócios da cidade.

— Quero saber de sua família — disse-me.

— Minha família está bem. Essa é a única notícia que tenho deles.

— Por quê?

— Eles me expulsaram de casa por causa da minha religião — expliquei-lhe. — Agora estou procurando trabalho.

— Eu preciso de alguém. Se você quiser, poderá trabalhar comigo.

— Muito obrigado, mas você deve saber que sou cristão.

— Eu não me importo com a sua religião. O que quero é que você seja honesto e faça bem o seu trabalho — foi sua resposta.

Dei graças ao Senhor e no dia seguinte comecei a trabalhar. Passaram-se dias, semanas e meses. Todos os clientes apreciaram minha dedicação e minha maneira de tratá-los. Sete meses depois, Brahim teve que viajar a negócios e me deixou responsável pelo comércio. Quando voltou, convidou-me para ir à sua casa, dizendo:

— Aqui você tem algum dinheiro. Corte o cabelo, vista-se bem e venha jantar conosco.

Que tremenda surpresa tive ao entrar em sua casa! Estavam ali meu pai, minha mãe e minha tia. Quando voltava de sua viagem, Brahim passou por minha cidade e trouxe minha família. Atirei-me nos braços de meus pais, que me abraçaram com os olhos cheios de lágrimas. Meu pai, em vez de reprovar-me, inclinou-se e disse em voz baixa:

— Ahmad, meu filho, perdoe-me pelo que fiz. No passado, seu tio contou-me de muitas coisas sobre você e pensei que você fosse como outros jovens desocupados que andam pelas ruas, vivendo com mulheres e tomando drogas. Essas notícias me entristeceram, mas recentemente, quando Brahim me falou de você, fiquei muito feliz.

— Sim, pai — respondi, — eu era mesmo o que você pensava. Agora Jesus me ensinou muito e me recebeu em seu rebanho, pois eu era uma ovelha perdida. Creio nEle e quero servi-Lo para sempre. Vamos começar um novo capítulo em nossas vidas.

Capítulo 2

O velho Ghulam já morreu

Ghulam Naaman

Paquistão

Nasci na cidade de Jammu, no norte da Índia. Eu era o caçula de cinco irmãos de uma família muçulmana de boa condição econômica. Meu pai era major do Exército. Observava as leis do Islamismo, mas com certa diferença dos demais: tinha uma inclinação para o misticismo, para um conhecimento íntimo de Alá, pois ele era um *sufi*.

Quando eu tinha cinco anos, nos mudamos para Zaffarwal, uma vila antiga no Punjab, perto da fronteira entre Jammu e Kashmir. O diretor de minha escola também era um *sufi*, mas alguns de meus colegas eram cristãos. Na vila havia uma congregação cristã, cujo pastor, chamado Ibrahim, havia se convertido do Islamismo.

Ainda menino, eu tinha me impressionado com a devoção de uma mulher evangélica que sempre estava falando às pessoas sobre Jesus e seu amor. Eu podia ver que, para ela, sua fé era tudo. Com a idade de nove anos, voltei a Jammu para estudar, onde verifiquei que prevalecia uma atmosfera muito diferente, pois a maioria dos professores eram hindus. Fui muito bem na escola, mas aos treze anos aborreci-me dela e resolvi fugir para ingressar na Força Aérea da Índia. Fui designado para o serviço na fronteira com a Birmânia.

Os dias posteriores à guerra foram muito difíceis para mim. Quando criança, havia sido simpatizante do movimento pela independência nacional e, inclusive, suspeitavam que eu pertencia a uma organização revolucionária. Minha posição na Força Aérea ficou insuportável e, finalmente, dei baixa. Voltei para a casa de minha família, onde fiquei sabendo que meu pai havia morrido há alguns meses. Nesse tempo, o país estava fervilhando ante a perspectiva de sua próxima independência, enquanto se desenvolvia, ainda, um amargo conflito entre muçulmanos, de um lado, e hinduístas e sikhs, de outro.

As emoções transbordavam e desde as mesquitas do Punjab proclamou-se uma “jihad” (guerra santa), em defesa do Islamismo. Em certas ocasiões, minha consciência me doía muito, como por exemplo, quando encontrei um grupo de soldados abusando sexualmente de uma mulher hindu. Senti-me mais e mais deprimido, pois eu havia sido criado num mundo bom onde gente simples se amava e tinha tudo o que precisava. Uma vez, encontrei-me com dois prisioneiros cristãos de meia idade e disse-lhes:

— Por que não se tornam muçulmanos?

Eles não me responderam, mas uma menina e doze anos que os acompanhava, exclamou:

— Não podemos!

Eu repliquei:

— Então, terão que arcar com as conseqüências.

— Sim, — ela respondeu — mas aquele em quem temos crido disse que estará conosco até o fim do mundo.

Os três se ajoelharam e oraram a Cristo. Quando se levantaram, pedilhes perdão.

— Nós o perdoamos em nome de Jesus — responderam-me.

Senti-me impulsionado não só a libertá-los, mas também a repartir com eles algumas coisas que havíamos tirado de outros.

Em certa ocasião, havíamos incendiado uma aldeia e estávamos esperando para matar as pessoas à medida que fugiam. De repente, uma senhora idosa correu para mim com uma criança pequena em seus braços; deixou-o cair a meus pés e gritou:

— Pode matá-lo. Sua religião manda-o matar seu semelhante e seu deus fica satisfeito quando o vê assassinar. Mas lembre-se disto: Deus jamais se compraz quando matam a obra de suas mãos.

Olhei para a criança que soluçava amedrontada aos meus pés; senti-me deprimido e por alguns instantes não consegui falar. Senti nojo do que estava fazendo. Suavemente, disse à mulher: “Leve-o, e prometo diante de Deus que minhas mãos jamais tornarão a matar alguém em nome da religião.”

Convenci-me finalmente de quão pecador era e perguntei como Deus poderia perdoar-me por ter matado tantas pessoas inocentes. Fui envolto por um manto de obscuro terror. Minhas crenças e práticas islâmicas foram se desvanecendo da mente e reconheci que era um agnóstico. Renunciei ao exército, o que foi permitido com a condição de não dizer a ninguém o motivo.

Mas... para onde eu iria? O que faria? Quis orar, mas o temor se apoderou de mim quando pensei como seria cair nas mãos de um Deus irado. Não encontrei ajuda junto a meus amigos e irmãos quando lhes disse que havia perdido a fé no Islamismo. Desgostoso com isso, decidi abandonar meus irmãos e minha mãe.

Uma noite cheguei à estação ferroviária de Kammaliya. Meu coração queimava com um profundo, mas insatisfeito desejo de conhecer a Deus. Na sala de espera, à meia-noite, abri meu coração com uma oração. Enquanto orava, pareceu-me ouvir uma voz que dizia: “minha graça te basta”; senti que toda minha tristeza e depressão se dissiparam. Repeti algumas vezes esta palavra em voz alta, até que entrou um varredor cristão que me ouviu e disse que eu estava citando Paulo. (2 Coríntios 12.9)

Não muito distante dali havia uma vila de cristãos. Fui até lá para visitar o pastor e dizer-lhe que queria seguir a Cristo. Ele enviou-me com uma pequena nota ao povoado de Goja, uns quinze quilômetros

dali; lá havia um centro importante da Igreja Anglicana. Era uma tarde muito quente. Quando cheguei ao lugar, o responsável ouviu-me atentamente enquanto contava minhas experiências e busca espiritual. Para que se interessasse por mim e tivesse pena, menti-lhe dizendo que minha esposa tinha morrido repentinamente. Ele recebeu-me com muito carinho e disse-me que poderia ficar ali por algumas semanas, até que tivesse certeza da minha decisão de batizar-me, e até que eles também tivessem certeza da minha sinceridade.

Acomodaram-me num quarto com uma cama e comecei a estudar sistematicamente a Bíblia. Encontrei amizade e apoio num guarda noturno chamado Buta Masih, um homem de uma fé simples, mas real. Diariamente orávamos e líamos o Novo Testamento. Uma noite, quando o responsável estava sentado em sua cama antes de deitar-se, lembrei-me do que lhe havia contado com relação à morte de minha esposa e confessei:

— Isso não é verdade. E agora que conheci a Jesus não posso continuar mentindo.

Minha sinceridade comoveu-o e juntos demos graças a Deus por ter atuado em meu coração.

Algum tempo depois, participei da Primeira Convenção Cristã em Gojra. As palestras foram muito edificantes para mim, mas o momento culminante foi quando confessei minha fé em Jesus Cristo perante uma numerosa congregação e, em seguida, fui batizado. Até ali, chamavam-me Ghulam Rasul (servo de Maomé), mas desde então, passei a ser Ghulam Masih (servo de Jesus Cristo).

Pouco tempo depois, meus irmãos vieram procurar-me, dizendo-me que minha mãe estava doente. Ao voltar a minha casa, encontrei-a bem de saúde, mas desgostosa pela minha conversão ao Cristianismo. Meus familiares chamaram alguns mestres islâmicos para que discutissem comigo. Entretanto, não me impressionaram e partiram proferindo muitas ameaças e palavras hostis. Meus irmãos me espancaram duramente e me fecharam durante muitos dias sem comida num quarto. Ao verem que minha fé se fortalecia, maravilharam-se com minha paciência no sofrimento. Aproveitei sua admiração para explicar-lhes:

— Sou um novo homem. O velho Ghulam já morreu. Tenho um novo comportamento e uma nova atitude perante a vida.

Senti que corria perigo, mas lembrei-me das palavras daquele grande cristão do Punjab chamado Sundar Singh, que disse: “é fácil morrer por Cristo, mas difícil é viver para Ele. A morte requer uma ou duas horas, mas viver para o Senhor significa morrer diariamente.”

Logo senti o chamado para pregar, e assim tornei-me um evangelista itinerante. Visitava cristãos de todas as denominações e pregava onde os ministros de Deus me permitiam. Em Zaffarwal declarei minha fé numa passeata de testemunho àqueles que tinham me conhecido quando criança.

Capítulo 3

A dinâmica do amor

Lamin Ousman Sanneh

Gâmbia

Durante minha infância, quando se aproximava o jejum do mês de Ramadã, havia entre nós uma atmosfera muito emocionante; sentíamos solidariedade entre a comunidade. Eu esperava esse mês com muita ansiedade e participava com muito gosto desse tempo que era guardado para os homens adorarem a Alá e se submeterem a ele, o centro da nossa devoção. Às vezes, sentia desejo de driblar sua rigidez, pois víamos Alá como um deus duro e inflexível em suas exigências. Mas isto era acompanhado da satisfação de haver cumprido o requisito primordial que ele nos impunha. Sem dúvida, era maravilhoso o dia do banquete que se seguia ao jejum. Eu aproveitava a comida e gostava de ir com meus amigos, vestido com meus mantos limpos, ao lugar de oração. Havia um sentimento glorioso de ter cumprido com minhas obrigações para com ele.

Fui a um internato islâmico. Nos dias especiais, passávamos a noite inteira em oração, e, ao clarear da manhã, parecia que com a aurora, amanhecia sobre nós a misericórdia de Alá. Esta era a disciplina religiosa à qual eu estava sujeito quando muçulmano e sou muito grato a ela.

Talvez você pergunte por que, tendo tudo isto, tornei-me um cristão. O fato é que esta mesma cultura e tradição que dava profundidade e significado à minha vida, despertou em minha mente muitas interrogações: perguntas com relação a Deus e ao homem; à vida e à morte; e à realidade absoluta. Estas perguntas fizeram-me voltar ao Corão, e encontrar ali algo que chamou muito minha atenção: seu testemunho com relação à Jesus Cristo, o profeta e apóstolo, mas não o crucificado, pois, segundo o Corão, outra pessoa tomou o seu lugar na cruz. Eu me interessava pelo tema da morte e da vida depois da morte, e percebi que se Deus tinha agido diretamente para colocar outra pessoa na cruz no lugar de Jesus, sobre ele caía a responsabilidade por quem quer que tivesse morrido ali.

Então pensei: mas o que seria se Jesus realmente morreu na cruz e Deus assim o quis? Refleti sobre o sofrimento, a tristeza e as esperanças destruídas que são parte da vida, e me pareceu que a cruz me dizia algo referente ao seu mistério mais profundo. Desde então, interessei-me muito pela obra redentora de Jesus. Aceitei como fato

histórico sua morte na cruz, e, finalmente cheguei à conclusão de que Cristo fez isso por mim, por meus pecados.

Minha aceitação de Cristo proveio do Corão. Posteriormente, passei a ler a Bíblia e descobri a fantástica verdade de que Deus me ama tal qual sou e que não lhe interessa quantos pontos tenha acumulado a meu favor. Um dos maiores tropeços até percebemos que Ele nos ama como somos, é que cuidamos de ser bons, de impressioná-lo com nossas boas obras. Ou, às vezes, vamos para o outro extremo, ficando desesperados por causa de nossos pecados; confessamos-lhe os pecados e esperamos que Ele sinta pena de nós. Mas o maravilhoso é que, segundo o Novo Testamento, Deus nos ama como somos. Isto foi algo muito importante em minha vida.

Deparei-me com muitas dificuldades quando decidi unir-me a uma Igreja. Os irmãos não estavam acostumados com pessoas como eu e se mostravam receosos em aceitar-me. Tive que abrir caminho insistindo em que devia estar ali. Alguém me disse: “Você deve ser muito importante para que Deus o tenha chamado do Islamismo”; e isto foi uma tentação para cair no orgulho. É fácil menosprezar a igreja e dizer: “Todos são maus; não quero fazer parte deles.” Cheguei a ser apedrejado e zombado nas ruas pelos meus antigos amigos muçulmanos. Sentia-me tentado a pedir que a ira de Deus caísse sobre eles.

Nestas situações, Deus mostrou-me que a Cruz do Calvário é um fato indiscutível e eterno, que transforma nossa vida continuamente, em todas as circunstâncias. Sejam quais forem nossos sentimentos, Deus nos ama, porque ali está a cruz, e que grande alívio nos dá reconhecê-lo! Eis aqui em parte, o segredo das palavras do salmista: “Para onde fugirei da tua presença?” A presença de Deus é seu amor que nos rodeia e envolve. O apóstolo João disse: “Vede quão grande amor nos deu o Pai.” Deus me ama tal como sou.

O apóstolo Paulo refere-se a nós como vasos de barro que contêm um tesouro, e este tesouro é o próprio Deus. Se chegamos a conhecer esta verdade, então vamos desejar que todos a conheçam. E por isso que também procuramos ganhar os muçulmanos para Cristo.

Depois de estudar mais sobre o Islamismo e sobre o árabe no Líbano, regressei à África para ajudar as Igrejas a aproximarem-se do povo muçulmano. Quando realmente entendemos que Deus nos ama, vemos que isto significa que Ele confia em nós; tanto é verdade que Ele mesmo, na pessoa de Jesus Cristo, entregou-se em nossas mãos. A única maneira de Deus se fazer conhecido é através da dinâmica do amor.

Louvo a Deus pela maneira que me levantou e por tudo o que me deu. Louvo-o também pelos dons e tesouros imensos que herdei por causa de minha formação muçulmana. Ele deseja que tudo isso seja usado para sua glória, para declarar que o segredo escondido de minha formação era Cristo Jesus. E Ele está sentado no trono à destra do Pai e deseja

que eu declare esta verdade com amor, humildade, paciência e gratidão, dando em tudo graças ao Senhor.

Capítulo 4

Todos Darão Glória a Jesus Cristo

Jahangir Durrani

Afeganistão

Meu nome é Jahangir, filho de Khair Ullah Khan, e sou parente dos Durrani, a antiga família real do Afeganistão. Há uns 100 anos, meus antepassados mudaram-se para Sind e chegaram a ser prósperos proprietários de terra na antiga cidade de Shikarpur. Como sou *pathan*, conheço muito bem o Islamismo, porque os *pathans* são muçulmanos muito severos e que se regem pela lei islâmica. Meus pais eram pessoas severas, não tomavam bebidas alcoólicas e ensinaram a meu irmão e a mim os mistérios do Islamismo de uma maneira completa. Hoje em dia, meu irmão mais velho é um xiita ardoroso, e eu, um soldado de Cristo.

Faz alguns anos, eu trabalhava numa casa de móveis, quando chegou um missionário evangélico com algumas cadeiras. Durante a conversa, falou-me sobre a Bíblia e Cristo. Não prestei muita atenção, pois minha mente estava impregnada pela lei e me era impossível reconhecer tão rapidamente a graça de Deus. Logo fui à casa do missionário e ele me deu um livro chamado “O Santo Evangelho”. Comecei a estudá-lo cuidadosamente. Senti que enquanto o lia uma voz me dizia: “ Tu, Jahangir, és um pecador e um inimigo de Deus. Nas boas obras não há paz duradoura”. No meu caso, era certo, porque embora fosse um respeitável homem de família, em meu coração não havia paz. Eu estava cheio de orgulho. Ainda me lembro do versículo que fala que o Evangelho é “poder de Deus para Salvação de todo aquele que crê.” (Rm. 1:16)

Cheguei a ficar mais e mais perturbado: acreditei em Deus como juiz e compreendi que a salvação vinha por meio de Cristo (Hb. 4:12) e que o juízo havia terminado na cruz. Mas para mim, era impossível abandonar o Islamismo e crer nEle. Entretanto, diariamente lia com muita atenção o Novo Testamento. Meu caráter estava mudando e as pessoas se assombravam ao ver que um homem tão orgulhoso como eu pudesse ter se tornado tão humilde.

Um pouco perturbado, resolvi dedicar-me à oração. Uma noite, que pareceu ser a primeira e a última de minha vida, ouvi uma voz que me dizia: “A cura para um espírito perturbado é a fé, a fé que Jesus Cristo é o Messias e o Filho de Deus. Se você quer pertencer à família de Deus, reconheça Seu Filho como o Senhor de sua vida.” Eu não sabia quem estava falando dessa forma. Pela manhã, tomei a firme decisão de crer

em Cristo. Então, para fortalecer minha decisão, li a tradição islâmica que diz que no dia final todos darão glória a Jesus Cristo. Então pensei comigo mesmo: “Fazê-lo naquele dia será compulsivo, eu o farei agora voluntariamente.”

As pessoas ficaram sabendo que um Durrani estava lendo o Evangelho. Muitos chegaram a aconselhar-me que não o fizesse mais, dizendo: “Você está mudado; isto o levará para o mau caminho, sua fé será debilitada.” Minha resposta era o silêncio. Fui sentindo que Cristo me dirigia no sentido de responder com meu testemunho, de maneira que O obedeci. Então, houve lamentação na cidade: veio gente de todas as partes para arrazoar comigo, mas não surtiu nenhum efeito, porque a chama da fé já começava a queimar no meu coração.

Chegou o dia em que decidi que era necessário participar da comunhão fraternal de uma igreja. Havia aprendido qual é a verdadeira fé que dá a salvação.

Batizei-me em Shikarpur. Meu estado mental antes de imergir na água era estranho; nunca havia experimentado algo assim. Para mim, entrar na água não era nada novo, pois eu era um bom nadador; mas esta água era diferente. Antes de entrar, meu coração parecia um broto que começava a abrir e florescer plenamente. Quando submergi pela Segunda vez, vi a Cruz de Cristo que me tomava e unia a Ele. Eu creio que Jesus é o Filho de Deus, que é o Deus encarnado, que me salvou e, efetivamente, redimiu-me com Seu próprio sangue. É necessário receber a herança das riquezas da fé e logo entender que nossos pecados foram lavados, reconhecendo pessoalmente Cristo como o Senhor e Salvador. Isto não se produz como resultado de argumentos ou provas intelectuais, mas sim, pela fé.

Mas o negro não se torna branco assim tão facilmente, como é possível verificar pela minha experiência pessoal. Trabalhei durante algum tempo na biblioteca cristã em Hyderabad, à qual vinham muitos muçulmanos jovens para fazer perguntas e ler a Palavra de Deus. Minha oração é que meus irmãos muçulmanos reconheçam pessoalmente que a salvação se encontra em Cristo, e que Ele é realmente o Filho de Deus. Chegará o dia quando, pela influência do Espírito Santo, mais e mais pessoas reconhecerão que Cristo é o Salvador do mundo.

Capítulo 5

Fui Perdoado

Jose Seidu Mans

Serra Leoa

Meus pais eram muçulmanos que pertenciam ao povo dos *fulani*. Desde muito jovem educaram-me na fé muçulmana, porque meu pai era um líder islâmico. Quando eu tinha apenas seis anos de idade, tive que deixar minha cidade natal, pois fui enviado a um *karmoko* (professor de árabe), com o qual vivi por cerca de oito anos. Ele me ensinou o Corão e as leis do Islã; comecei a jejuar, dar esmolas, oferecer sacrifícios e cumprir com todos os deveres de um muçulmano. Naquele tempo eu não sabia nada sobre o Cristianismo, pois nessa região não viviam cristãos.

Voltei a minha casa depois de Ter estudado o Corão por duas vezes. Meu pai tinha o propósito de me enviar à sua antiga casa em Mamu, Guiné, mas morreu antes de poder realizá-lo. Então conheci alguns cristãos que me convidaram para estudar em sua escola. Sua religião não me interessava, pois eu acreditava firmemente no Islamismo, mas eu queria aprender o inglês e receber uma educação moderna, e, por isso, aceitei o convite.

Estudei durante cinco anos nesse colégio sem que o Cristianismo me tocasse profundamente. Eu morava e trabalhava na casa de uma professora de idade avançada. Nesta casa havia oração e educação cristã, às vezes, eu ia à Igreja, mas sua fé não me convencia.

Um dia chegou à nossa cidade de Kamahie o governador, e a professora convidou-o para almoçar. Ela me pediu para servir a mesa e eu concordei. Entretanto, depois me recusei a fazê-lo e como era fácil supor, meu gesto a desgostou. Quando cheguei à sua casa na manhã seguinte para trabalhar, ela não me deixou entrar. Então fui ao colégio. Meu mau comportamento não me preocupava.

Nessa tarde, ao voltar para casa, ela estava na porta e, quando me aproximei, chamou-me suavemente pelo nome e disse:

- Seidu, perdoe-me.

Por um momento fiquei imóvel. Em seguida perguntei:

- O quê?

- Esta manhã eu estava aborrecida com você - explicou-me.

Até esse momento eu não tinha pensado seriamente no pecado, mas, então, comecei a perguntar-me: por que ela estava me pedindo perdão, quando era eu quem devia pedir perdão a ela?

O Senhor usou a humildade dessa mulher cristã ao pedir-me perdão para fazer-me pensar seriamente no pecado. Este foi o primeiro passo no maravilhoso processo que o Senhor usou para atrair-me para Ele. Pouco tempo depois, essa amável senhora enviou-me a Gbendembu para continuar meus estudos. Ali, durante uma reunião evangélica, Deus falou-me de tal maneira, que mesmo antes que o pregador fizesse o apelo, eu me ajoelhei e confessei meus pecados a Jesus Cristo. Eu sabia que tinha sido perdoado porque em meu coração havia paz e me sentia muito feliz.

Mas ao voltar para minha casa, encontrei imediatamente oposição. Meus tios não me receberam em casa e, assim, tive que me afastar deles por dois anos. Depois disso, viram que nada poderiam fazer comigo, pois perceberam a grande mudança que havia sido efetuada em mim. Antes deste incidente, eu tinha sido uma pessoa muito problemática. Frequentemente costumava brigar com muita gente e, em várias ocasiões, minha família teve que ir a julgamento pelo meu mau comportamento. Mas isso não voltou a ocorrer depois de minha conversão.

Então, como não conseguiram convencer-me a abandonar o Cristianismo, receberam-me novamente em casa. Como resultado disso, pude levar meus dois irmãos e minha irmã a Cristo. Passaram-se cerca de três anos antes que eu me batizasse. Quando um novo pastor chegou, perguntou-me sobre minha intenção de me batizar. Dessa forma, matriculei-me no curso preparatório, e finalmente fui batizado.

Trabalhei como professor durante quatro anos. Logo deixei o ensino e me dediquei ao ministério pastoral, pois Deus havia confirmado claramente minha chamada. Doze anos depois, senti que Deus me oferecia um novo ministério, para o qual necessitava de um melhor preparo. Fui para o exterior e estudei numa universidade onde pude desafiar muitos estudantes para trabalhar nos países ainda não alcançados. Vários responderam a esta chamada.

Voltei para Serra Leoa como pastor e evangelista. Hoje, cada membro de minha igreja está interessado no evangelismo. Na época da seca, alcançamos os povos vizinhos, de tal maneira, que para o culto dominical, chegavam pessoas de onze povoados, de uma distância de até vinte quilômetros. Sessenta e cinco almas foram ganhas este ano para o Senhor Jesus, através do movimento “Nova vida para todos”.

Algumas pessoas pensam quem pelo fato dos muçulmanos crerem em um só Deus, não é necessário pregar-lhes o Evangelho. Mas eu sei que Cristo mudou minha vida e que nEle encontrei a paz que nunca pude encontrar de outra maneira. Sei que Ele pode afastar-me do pecado e que cuidou de mim em meio às provas e ao sofrimento ocasionado pelo abandono de minha família.

Quando falo com muçulmanos, primeiro compartilho aquilo que já conhecem, ou seja, a criação, a queda, a desobediência do homem e os profetas. Em seguida, vemos as promessas de Deus com relação ao

Messias, começando por Abraão. Isso nos leva à vida sem pecado de Jesus e à cruz. Então dou o meu testemunho e lhes digo que agora sou o que sou graças `Sua morte expiatória, em meu lugar, dando ênfase ao perdão de Cristo e ao poder para vencer o pecado. Com frequência falo em colégios secundários cristãos nos quais há estudantes muçulmanos e muitos deles vêm a Cristo. Quando tal acontece, têm de participá-lo aos seus pais e alguns deles deixam de pagar as mensalidades da escola. Mas os jovens continuam confiando no Senhor, que é quem lhes dá toda a ajuda que necessitam para a vida.

Capítulo 6

Encontrei o Verdadeiro Gozo

Juan Parwez

Paquistão

Pertenço a uma família muçulmana do Paquistão. Desde minha infância me interessei por temas religiosos. Aos oito anos, as pessoas me chamavam de “Santo” e muitos vinham a mim para que orasse por eles, pois estavam convencidos de que aconteceria conforme a minha palavra, pois Alá a cumpriria. Na escola nunca brigava com ninguém e me concentrava nos estudos. Os jogos não me interessavam muito; o que eu gostava era de estar com pessoas religiosas. Minha família compartilhava desse interesse. Meu pai era um muçulmano convicto, muito erudito, e eu queria ser como ele para ganhar o respeito de todos, e, por isso, os estudos chegaram a ser uma obsessão para mim.

Quando terminei o sétimo ano de educação, meu pai morreu. Permaneci mais um ano na escola, mas meu coração estava quebrantado. Perdi o interesse pelo mundo ao meu redor e me isolei, saindo de minha casa para viver em um lugar desolado, sem preocupar-me com a fome ou a sede. Passava semanas inteiras sem voltar para casa. Depois de um certo tempo, um primo meu levou-me a um sufi de quem me comprometi a ser discípulo. Ele me aconselhou que adotasse um estilo de vida de ascetismo espiritual e, assim, eu passava muitas noites sem dormir lendo o Corão. À vezes, me esquecia de comer e me debilitava a tal ponto que mal podia caminhar. As pessoas começaram a me procurar de dia e de noite para pedir que orasse por suas enfermidades, dores e sofrimentos. Como já não tinha interesse no mundo, não queria ver ninguém, mas quanto mais evitava as pessoas, mais me procuravam.

Continuamente, minha preocupação era observar a lei do Islã através de rezas, vigílias, etc. Mas, embora procurasse com todas as minhas forças fazer boas obras, diariamente, pecava. O orgulho e a vanglória eram os mais freqüentes, porque depois de adorar Alá, acreditava mesmo que eu era santo e os demais, pecadores. Comecei a me preocupar muito porque queria saber como me libertar de minha maldade, pensando que sem boas obras estava definitivamente condenado ao inferno. Esse temor me perseguia constantemente. Sentia que não podia cumprir a lei: esta tinha se tornado uma carga muito pesada para mim. Pelo fato de ser um muçulmano fiel, eu usava uma barba comprida, mas logo raspei-a completamente a Alá, não tinha necessidade de me preocupar com as aparências. Meus vizinhos

começaram a reclamar, argumentando que a lei é um assunto de conduta externa e que somente Alá conhece o coração. Portanto, sendo muçulmano, eu deveria obedecer a lei, orar e jejuar. Não lhes dei importância, mas continuava perturbado.

Por essa ocasião, tive alguns problemas na vista e fui ao hospital cristão de Taxila para fazer tratamento médico. Ali, ouvi alguns pregadores cristãos que proclamavam a Palavra de Deus e nela encontrei o que necessitava: *“Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei”* (Mt 11.28). Este versículo tocou meu coração, pois a lei me oprimia e sentia falta de apoio. Dessa forma, procurei um pregador para conversar com ele.

Ao terminar o tratamento, voltei para minha casa. Eu estava totalmente convencido da veracidade da religião cristã, mas deixar o Islamismo não era algo fácil: o que diriam as pessoas? O que pensariam aqueles que confiavam em mim? Desde o momento em que ouvi a mensagem do Evangelho, essas perguntas foram um grande obstáculo. Encontrava-me perplexo e em grande conflito espiritual. Mas continuei orando assim: “Oh, Deus, mostra-me o caminho certo e dá-me forças para segui-lo.” Sabia que o Senhor Jesus intercederia em meu favor e me daria paz e consolo.

Graças a Deus, ele me deu graça e decidi retornar a Taxila. Ali, seis meses depois de ter encontrado o Senhor, batizei-me. Imediatamente, enviaram-me a Hyderabad para fazer um curso de estudos bíblicos. Ali, pude compreender a graça e o amor de Deus revelados aos homens através de Seu Filho. Depois disso, senti o desejo de continuar estudando. Agora estou terminando minha carreira universitária. Enquanto isso, dou testemunho de Cristo, especialmente dos muçulmanos porque sei que o Senhor me enviou a eles. Deus me dá um poder maravilhoso para compartilhar com outros o gozo que encontrei ao confiar em Cristo.

Tive que enfrentar muitas dificuldades em virtude de minha conversão, mas o Senhor sempre me ajudou, dando-me vitória sobre as tentações. No início, minha família opôs-se frontalmente, mas já mudaram um pouco de opinião e é meu grande desejo que possam aceitar ao Senhor. Agora, estou livre de todas as amarras que a lei impõe e me regozigo na salvação pela graça e não pelas obras. A Palavra de Deus diz: *“não há justo, nenhum sequer”* (Rm 3:10), e *“... porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é Dom de Deus; não vem das obras para que ninguém se glorie”* (Ef 2:8,9). Minha vida mudou totalmente. Meu orgulho foi substituído por um espírito de serviço. Depois que me converti, tive que realizar trabalhos muito humildes, como varrer o chão, lavar pratos, ser guardanoturno etc, e fiz tudo sem reclamar. Alcancei esta benção por confiar em Cristo, que disse: *“mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será servo de todos.”* (Mc 10.43,44)

Agora, leciono numa escola e estou bastante satisfeito, embora meu salário não seja muito alto. Meu desejo é entrar para um seminário e aprender mais sobre o Senhor e assim servi-lo melhor. Quero que a vontade de Deus seja cumprida em minha vida e continuar testemunhando sobre o que Cristo fez em mim.

Capítulo 7

Tudo foi diferente

Hasan Dehqani-Tafti

Irã

Nasci e passei minha infância em Taft, um lugar perto de Yezd no centro de Irã. Num hospital cristão em Yezd, minha mãe conheceu o amor de Deus revelado em Jesus, e batizou-se. Entretanto, quando o hospital fechou, ela se viu obrigada a voltar para Taft e casar-se com um parente muçulmano chamado Muhammad.

Uma missionária evangélica costumava visitar nossa casa e compartilhar sua mensagem com cerca de vinte pessoas ali reunidas. Para mim, a morte de minha mãe, quando eu tinha apenas cinco anos, foi uma grande tragédia, mas, como veremos, Deus tirou proveito dessa desgraça. Fui criado como muçulmano xiita e anualmente participava na dramatização da morte de Hussein. Mas a missionária pressionava continuamente meu pai para que me deixasse estudar em Yezd, pois o último desejo de minha mãe fora que me criasse como cristão. Meu pai concordou finalmente em consultar o Corão e sua resposta foi positiva. Convenceram-no a que permitisse que, aos sete anos de idade, eu participasse de uma escola de homens na bonita e histórica cidade de Isfaján, que era a sede iraniana da sociedade missionária da Igreja, onde funcionava uma universidade, vários colégios e um hospital.

Durante algum tempo passei por uma espécie de “sobe e desce” espiritual. Nas primeiras semanas de férias de verão, considerava-me cristão e discutia com outros sobre minhas crenças, mas, depois, toda atmosfera da cidade me pressionava e me convertia num muçulmano. Mas, quando completei doze anos, a influência da escola prevaleceu e decidi ser cristão. Em Taft cheguei a evangelizar mais dedicadamente que nunca, meu pai cedeu às pressões de seus amigos e tirou-me da escola, mas a missionária e outros cristãos pediram-lhe com insistência que me deixasse voltar. Ele consultou novamente o Corão e concordou com meu regresso. Progredi muito nos estudos.

Com a idade de dezoito anos, batizei-me e escrevi o seguinte a meu pai: “Encontrei o gozo e a felicidade que desejava em Jesus Cristo.” Ao voltar de férias a Taft, encontrei muita hostilidade e até minha própria família me considerou impuro, embora continuassem sendo amorosos e hospitaleiros. Assumi mais responsabilidades na Igreja em Isfaján: lia as passagens bíblicas, escrevia e traduzia hinos etc. Jamais esquecerei a alegria e o zelo inocente daqueles dias.

Quando acabei o secundário em Isfaján, a diocese enviou-me a Teerã para os estudos superiores, pensando que num futuro não muito distante eu ingressaria no ministério. Deparei-me com um ambiente secular dominado pela filosofia e a sociologia. Antes, minha fé havia sido abalada quando estudei psicologia no último ano do Secundário, mas ali eu havia tido ao meu redor, sábios professores cristãos. Um deles aconselhou-me a jamais deixar de orar e ir à Igreja, embora às vezes isso pudesse parecer sem sentido. Levei bem em conta este bom conselho. Encontrei apoio em um cristão de Teerã com o qual podia compartilhar meus problemas.

Assim que me formei tive que prestar o serviço militar. Lutei sem êxito para não ser convocado, pois como cristão não podia participar da guerra. Declarei minha fé cristã e o capitão repreendeu-me severamente ao saber que eu havia traído a religião islâmica de meu pai. Após algum tempo, eu já ganhava um bom soldo como tenente. Minha família tinha esperança de que isso ajudaria a melhorar seu nível de vida, mas eu me lembrei das palavras de Cristo: “Se alguém vem a mim e não me ama mais que a seu pai e a sua mãe... não pode ser meu discípulo” (Lucas 14.26 VP).

Deus havia me chamado para o ministério em sua Igreja e eu não podia desobedecer o chamado celestial.

Depois de cumprir o serviço militar, trabalhei durante dois anos com jovens e com um ministério de literatura cristã. Eu sentia muita alegria de poder servir na Igreja, mas interiormente não tinha paz e achava que não estava crescendo como cristão.

Fui enviado a uma conferência mundial de jovens em Oslo, Noruega, e, em seguida, fui para a Europa continuar meus estudos. Encantei-me com a beleza e a paz da universidade. Entretanto, assim que passou a emoção inicial, voltei a experimentar aquela inquietude de espírito; desta vez mais intensamente. Sentia cada vez mais solidão. Eu culpava Deus por ter levado minha mãe tão cedo em minha vida, mas no fundo de minha alma sentia um vazio de amor: eu ansiava ser amado pelo que eu era e não pelo que as pessoas queriam que eu fosse. Era tão grande meu desejo de receber a ternura de uma mãe e o abraço acolhedor de um pai que o simples fato de pensar nisso, deixava-me sem esperança. Eu também culpava aqueles que haviam me separado dos meus. Tais ondas de auto-compaixão eram, em certas ocasiões, tão fortes que as lágrimas brotavam de meus olhos e, da mesma forma que Jó, amaldiçoava o dia em que tinha nascido.

Parecia que ninguém me compreendia, ou se o faziam, não eram capazes de ajudar-me. Frases religiosas como - “entregue-se a Cristo,” ou “ore, que Ele te dará paz,” para mim chegaram a ser meras palavras que careciam de significado.

Estando em tal situação, entrei em contato com um líder cristão que havia ajudado muitos jovens a vencer suas dificuldades. Ouviu-me por duas horas enquanto que, com lágrimas nos olhos, abri-lhe meu

coração. Senti que me amava e me compreendia e tinha certeza de que por meio dele podia encontrar alívio. Numa de nossas conversas, sugeri que lesse Salmos e o livro de Jó. A leitura destes dois livros teve o mesmo efeito sobre minhas dificuldades que o do sol quando derrete a neve.

Através da experiência de Jó, encontrei a mim mesmo: “A minha alma tem tédio à minha vida; darei livre curso à minha queixa... Por que escondes o teu rosto e me tens por teu inimigo?... Ah! se eu soubesse onde poderia achar a Deus!” (Jó 10.1; 13.24; 23.3). E, afinal, escutei-me decidir junto com Jó: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem. Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42.5-6).

Eu necessitava de arrependimento! Arrependimento de Ter me considerado o centro do mundo. Então, vi-me tal qual era: um monumento ao egoísmo, a essência do orgulho, um perfeito fariseu. Eu havia ido a Europa para preparar-me e chegar a ser um líder melhor em nossa pequena Igreja; mas um fariseu não pode aprender: sempre tem que ensinar! Pela graça de Deus, pouco a pouco cheguei ao ponto em que pude, humilhado, pedir ao Senhor que tivesse compaixão de mim, um miserável pecador.

Depois disso, tudo foi diferente. Eu sabia que era um verdadeiro pecador, e quanto havia custado a Deus perdoar-me por meio da cruz de Jesus Cristo. Ao começar a compreender o amor de Deus, fui recebendo tranquilidade. Toda a preocupação, a tensão e falta de paz começavam a desaparecer. Inclusive percebi que estava dormindo melhor. As pessoas não eram mais difíceis de suportar, mas, sim, interessantes e dignas de ser amadas, pois, como eu, haviam sido objeto do amor divino.

Capítulo 8

Como posso reconciliar-me com um Deus Santo?

Natanael Idarous

Zanzibar

Aos cinco anos de idade, começaram a ensinar-me a ler o Corão em árabe. Depois fui um estudante tímido que lutava para ser professor de Islamismo numa região que já produziu grandes eruditos da religião muçulmana. Estudava rodeado por grandes torres de mesquitas de onde ressoavam as vozes melodiosas dos *muezins*, num ambiente em que não se permitiam dúvidas. Felizmente, meu tutor era um parente próximo e eu pertencia a uma família *sharif* (supostamente descendente de Maomé); portanto, gozava de uma posição privilegiada entre os muçulmanos sunitas.

Estive preso por quatorze meses por causa de minha ideologia política durante a revolução que derrubou o governo árabe do Sultão de Zanzibar. Com outras quinze pessoas permaneci numa cela de um metro quadrado. Foi ali, numa clara e fresca manhã, com a chuva gotejando do teto de minha cela, que ao acordar descobri um livrinho ao lado de meu cobertor. Esse foi meu primeiro contato com o Novo Testamento. Como nenhum dos outros prisioneiros admitisse ser seu dono, supus que algum visitante da Cruz Vermelha o tivesse colocado ali. Para mim foi um maravilhoso companheiro nas horas do dia que passávamos fora da cela. Eu o lia diariamente, embora sendo muçulmano e, quanto mais me aprofundava, mais me apegava a ele.

Então, deparei-me com uma pergunta difícil para um muçulmano: “Como pode haver um só Deus e existir a Trindade?” Embora não me sentisse capacitado, decidi estudar como foi a obra poderosa de Cristo e até que ponto Maomé tomou para si o título de profeta. Eu não estava disposto a duvidar do conteúdo da Bíblia nem a crer, como os muçulmanos que afirmam que os cristãos adulteraram o livro de Deus. Não tinha ninguém que pudesse me ajudar, pois o único cristão nesse lugar era o encarregado da cadeia. Mas, pela graça do Senhor, imediatamente depois de receber minha liberdade, tive a oportunidade de pedir alguns cursos bíblicos por correspondência da cidade de Dar-es-Salaam. Continuei fazendo esses estudos, enquanto à noite recebia ensinamentos sobre o Islã.

Foi nessa época que tive uma melhor compreensão da verdade de Deus e finalmente obtive o dom da Salvação por meio da fé no sangue redentor de Jesus Cristo. Tomei esta decisão com a clara orientação de Deus. Se eu escrevesse todas as minhas experiências, poderia encher volumes inteiros com a mensagem de Deus em tempos de adversidade; entretanto eu me tornei cristão quando, falando em termos humanos, estava muito feliz.

Minha conversão era um evidência de que, pela graça de Deus, havia podido livrar-me dos laços que me impediam de conhecê-lo. A Bíblia desempenhou um papel fundamental nisto. Desde o início, dois versículos haviam me tocado: um, o anúncio: “Porque a graça de Deus se manifestou para salvação de todos os homens.” (Tito 2.11); e o outro, um desafio: “como escaparemos, se negligenciarmos uma tão grande salvação?” (Hebreus 2.3)

Li muitos livros que ganhei de presente e que eram de diferentes denominações. Mas decidi que somente a Bíblia tinha a resposta para minhas inquietações e, pouco a pouco, perdi o interesse em outros livros. O diretor do Instituto Bíblico por correspondência me deu de presente uma Bíblia, em um momento propício, e ele mesmo me apresentou a uma comunidade cristã.

Na Bíblia aprendi que sou pecador e que todos nascem com uma natureza pecaminosa; percebi que este é o maior problema da humanidade. Em I João 1.5-6 lemos: “Deus é luz e não há nele nenhuma treva. Se dissermos que temos comunhão com Ele e andamos em trevas, mentimos, e não praticamos a verdade.” Vemos que todos são pecadores que caminham na escuridão; mas Deus é luz, totalmente diferente da humanidade. Não somente isso, mas assim como a luz e as trevas não podem conviver, também Deus não pode conviver com o pecado. Como posso eu, um pecador condenado à morte, reconciliar-me com um Deus Santo? Como os meus pecados podem ser perdoados para obter a comunhão com Ele? “Palavra fiel e digna de ser recebida por todos: Que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores” (I Timóteo 1.15). Este mesmo homem Jesus, a quem eu inicialmente tomei por um profeta inferior a Maomé, é, na verdade, o Salvador que veio ao mundo para solucionar nosso problema mais grave.

Foi difícil professar minha fé em Cristo entre os muçulmanos fundamentalista de Zanzíbar. Eu sabia que minha mãe ficaria muito decepcionada, porque para ela o fato de pertencer à comunidade Sharif era um Dom muito precioso de Alá. Meu irmão mais velho tinha fortes convicções marxista-leninistas, e tal fato causava a ela uma grande dor; depois ocorreu minha detenção, o que aumentou sua aflição. Seu único consolo era minha libertação e que eu continuasse fiel à fé que ela me havia ensinado.

O primeiro a notar que eu não ia mais à mesquita, lia a Bíblia com freqüência e que ia à Igreja aos domingos foi um amigo íntimo. Fui convocado para uma reunião familiar para discutir o assunto. Eu

reafirmei meu amor pela família e insisti que, se objetavam minha fé cristã, deviam considerar o assunto à luz dos motivos que eu havia tido para me converter e da verdade em que fundamentava meu comportamento. Em vez disso, decidiram prepara com a benção do Sheik, um coquetel de bebidas que, supostamente, teria poder para mudar minha atitude. Eu não poderia recusar, pois seria minha mãe quem me daria a bebida.

Ao mesmo tempo, recebi cartas de amigos cristãos que me aconselhavam a não ter medo de proclamar o nome do Salvador. Aceitei o convite de alguns missionários e fui passar duas semanas em Dar-es-Salaam. Queria ser batizado ali, mas os líderes da igreja não aceitavam que eu me batizasse sem que recebesse antes uma boa preparação. Tanto ali, como no Quênia, país que visitei um pouco depois, aproveitei o bom companheirismo cristão dos crentes africanos e europeus. Depois fui a Adeu, cidade natal de meu pai. Era uma época de grande tensão, e como vivia entre muçulmanos, raramente podia reunir-me com outros cristãos. Assim, somente depois de um ano é que pude ser batizado. Eu insisti que fosse por imersão, fato que trouxe algumas dificuldades nessa época de turbulência. Como resposta de minhas orações, fui batizado na praia como símbolo da morte, sepultura e ressurreição de Cristo, tornando-se assim realidade em minha vida o meu nascimento para uma nova vida. Agora minha alma chegou a uma perfeita paz, repleta de amor por Jesus Cristo e me regozijo dia e noite em minha redenção por Seu sangue. É meu desejo sincero que todo homem, mulher e criança possam encontrar o caminho da salvação e assim saborear a doçura da alegria em Cristo Jesus.

Capítulo 9

Pastor de Todos

Timóteo Akindale

Nigéria

O pai de Tiya miyu era o líder de um importante grupo familiar muçulmano em sua cidade. Quando Tiya miyu era ainda menino foi enviado para estudar numa tradicional escola corânica com o mestre mais sábio da cidade. Seu pai declarou que ele jamais estudaria na escola primária normal. Contudo, quatro anos mais tarde, quando se ausentou em viagem de negócios, outros familiares permitiram que Tiya miyu freqüentasse a escola primária. Quando seu pai regressou, não teve outro remédio senão aceitar. Mas o menino continuou indo à escola corânica todas as noites depois da escola diurna.

Quando completou quatorze anos, ele já conhecia bem os principais argumentos anti-cristãos. Em sua Bíblia havia anotado os textos onde Moisés está dando instruções com relação aos ritos de purificação e o relato de como Jesus lavou os pés de seus discípulos, além da citação onde Esdras chama seu povo à oração. Com estes versículos atacava os cristãos, alegando que deveriam praticar a purificação e a oração ritual como faziam os muçulmanos.

Apesar disso, um trabalhador cristão que servia na Igreja local fez amizade com o pai de Tiya miyu e o rapaz começou a brincar com as crianças que moravam na casa da missão, observando tudo o que acontecia. Prestou atenção como o missionário se preocupava com todos os que chegavam, como conversava com eles, como os entretinha, perguntava-lhes pela saúde e lhes oferecia ajuda. Ao contrário, Tiya miyu via que as pessoas que procuravam seu mestre corânico, pediam-lhe remédios mágicos. Em certas ocasiões, solicitavam proteção contra algum mal; outras vezes, queriam causar dano a outros através de magia. Tiya miyu sentia que aquilo que interessava ao seu mestre era o dinheiro e se preocupava muito pouco com o bem-estar das pessoas.

Então Tiya miyu começou a pensar mais e mais na mensagem de Cristo. Começou a amar a Bíblia. Rapidamente quis ser cristão; mas não se atrevia a falar sobre o assunto com seu pai. Procurou uma forma de passar um ano em outro lugar com um amigo cristão. Ao regressar à sua casa, foi nomeado professor numa escola primária muçulmana. Ali tinha que repetir orações islâmicas e ir à mesquita, o que fazia em corpo, mas não em espírito. Não tinha coragem de ir à Igreja de sua cidade aos domingos, mas visitava um parente cristão a vários quilômetros de distância para reunir-se com ele. Pediu ao pastor dessa

Igreja para ser batizado, e pouco depois de completar seus dezenove anos foi batizado secretamente, mudando seu nome de “Tiyamiyu” para Timóteo.

Seu pai logo que soube e reuniu a família, dizendo que na sexta-feira seguinte levaria Timóteo à mesquita para desfazer o batismo e torná-lo muçulmano novamente. O jovem ouviu a conversa com mansidão e, finalmente, pôde expor seu ponto de vista:

- Não é verdade que seus pais eram pagãos antes de vocês se tornarem muçulmanos? Por acaso vocês foram obrigados a segui-los, sendo eles pagãos? Eles lhes permitiram que se convertessem ao Islamismo porque vocês criam que era o certo. Se vocês me obrigam a ser muçulmano quando meu coração diz que siga a Jesus Cristo, não seria um pecado de sua parte?

A família estava incomodada, mas aceitou a decisão inevitável do jovem. Logo ele obteve um emprego como professor; começou a receber treinamento cristão e finalmente graduou-se no Colégio Teológico “Emanuel,” em Ibadan. Seus familiares já estavam mais ou menos reconciliados com ele, visitavam-no, mas não lhe permitiam que falasse uma só palavra de sua fé cristã com nenhum membro da família. Também tinha que contribuir com dinheiro para a celebração de certas festas muçulmanas.

Depois de muitos esforços persuasivos, Timóteo conseguiu que seu pai fosse presenciar sua ordenação ao ministério. O jovem leu o Evangelho, ajudou a servir a Santa Ceia. Seu pai lhe perguntou mais tarde:

- O que estavam repartindo?

Ao que Timóteo respondeu:

- Não posso explicá-lo neste momento, mas orarei para que um dia o senhor possa participar.

Essa era a primeira vez que seu pai assistia a um culto cristão. De alguma forma, Deus falou-lhe nessa ocasião e ele viu ali a Sua glória, porque na semana seguinte disse ao filho:

- Vou contigo à tua Igreja.

Desse dia em diante, começou a dizer a todos que era seguidor de Jesus Cristo. Vários jovens da família seguiram o seu exemplo, mas até hoje a mãe de Timóteo continua sendo muçulmana. Sempre que visita seu filho sua primeira pergunta é: Há um lugar onde eu possa fazer minhas orações?

Durante os primeiros anos de sua conversão, Timóteo não queria saber nada do Islamismo. Para ele era simplesmente a religião que havia rejeitado. Fechou sua mente para ela. Por isso, surpreendeu-se quando no final de seu curso de teologia, pediram-lhe que fizesse um curso de quatro meses sobre estudos islâmicos. Então, não somente aprendeu a ler e a traduzir algumas partes do Corão, como também compreendeu melhor o Islamismo e seus seguidores.

Quando começou a servir como ministro em sua primeira Igreja, encontrou-a envolta em uma amarga controvérsia. Apesar de tudo, com paciência, conseguiu que os membros se reconcilhassem. Desde o princípio, mostrou que estava tão interessado nos muçulmanos da pequena cidade como nos cristãos. Os muçulmanos sabiam que era um convertido, por isso mostravam-se desconfiados e na defensiva. Sabiamente, ele não discutia o Islamismo, mas visitava-os como visitava os cristãos, dedicando-se a tudo que promovesse o bem-estar da comunidade.

Com a pá na mão ajudou na construção da estrada; apoiou a fundação de uma maternidade para que as pessoas não precisassem caminhar treze quilômetros até o hospital mais próximo. Incentivou um projeto de criação de peixes para dar trabalho aos jovens. Visitava com frequência o Sheik e seus conselheiros no palácio. As pessoas começaram a dizer: “Este não é somente pastor dos cristãos, mas pastor de todos.” Entretanto, ele não participava de cerimônias islâmicas nas quais provavelmente teria de comprometer sua fé.

- Tu sabes recitar a Fatiha. Repete-a conosco!, - diziam-lhe, às vezes, os muçulmanos.

Porém, discretamente lhes respondia:

- Por favor, discutamos isso em outra ocasião.

Certa vez, um novo Sheik assumiu o trono. Como era muçulmano, prontamente empreendeu a peregrinação a Meca. Enquanto ficava ali, os islamitas mais fanáticos da cidade atacavam os pagãos, entrando em suas casas e destruindo seus ídolos. Os Sheiks anteriores haviam permitido cerimônias pagãs tradicionais, mas a meta dos fanáticos era que o novo Sheik praticasse um Islamismo puro: não deixariam rastros do paganismo. Acreditavam que assim que os pagãos ver-se-iam obrigados a aceitar o Islamismo. Mas aconteceu algo muito diferente! No final, foi de muito alegria para os cristãos e para a glória do nome de Jesus. Os pagãos, perseguidos pelos muçulmanos jamais aceitaram o Islamismo; começaram, sim, a chegar em pequenos grupos à Igreja cristã local. Nesse ano vinte e um pagãos. Citando um provérbio, os muçulmanos diziam: “Nós esvaziamos a lagoa, mas os cristãos pegaram os peixes.”

Depois disso, Timóteo serviu no projeto “Islamismo na África,” antes de fazer seus estudos universitários sobre o Islã. Possui um temperamento feliz, alegre e otimista. Ama a música e o teatro, utilizando-os a serviço do Evangelho. Anima os muçulmanos para explicarem seu ponto de vista religioso, pois deseja primeiramente compreender as pessoas. Por isso, ouve-as pacientemente. Quando chega o momento de testemunhar sobre Cristo, sabe como tranquilizar seu ouvinte, falando-lhe claramente, mas sem ofendê-lo. Ele recomenda conversar com um ou dois muçulmanos tranquilamente, em particular, ao invés de organizar reuniões em massa. Atualmente muitos cristãos

se questionam se devem testemunhas aos muçulmanos ou não. Timóteo é uma resposta viva a essa pergunta!

Capítulo 10

O Doador da Paz

Qamar Zea

Índia

Quando eu tinha por volta de dezesseis anos de idade, freqüentava o oitavo ano numa escola pública no sul da Índia. Entretanto, logo tive que abandoná-la por causa da enfermidade de meu pai. Depois me enviaram para estudar numa escola cristã perto de minha casa. Desde o instante em que ali entrei, notei uma professora cristã, diferente de todas as outras pessoas que já havia conhecido. Observei sua maneira carinhosa de falar, sua amabilidade para com todos os estudantes e a grande dedicação ao trabalho. Sua vida impressionou-me tanto que fiquei um pouco confusa. Como é possível que um ser humano seja assim? Mais do que uma vez eu me perguntava. Depois percebi que era porque o Espírito de Deus estava nela.

Nessa escola comecei a analisar a Bíblia. Dois dias por semana estudávamos o Antigo Testamento e outros dois dias, o Novo. Um dia fazíamos trabalho de memorização, aprendendo passagens bíblicas e muitas canções. A princípio, eu não estudava com vontade; ao contrário, fazia-o com indiferença. Como havia ouvido dizer que os cristãos eram blasfemos, nem sequer em seu livro eu gostava de tocar. Em certa ocasião, estávamos lendo o capítulo 53 de Isaías e memorizando algumas passagens, coisa muito difícil para mim. Foi durante o estudo desse capítulo que Deus, pela Sua graça, mostrou-me que nesse livro havia vida e poder. Então comecei a perceber que Jesus vive para sempre. Assim, o Senhor colocou fé em meu coração e cri em Jesus como meu Salvador e perdoador dos meus pecados. Somente Ele podia me salvar da morte eterna. Nesse momento, percebi também quão pecadora eu era. Até então, pensava que minhas boas obras me salvariam.

Um poder de vida começou a operar em mim. Quando Satanás tentava enlaçar-me em suas cadeias e redes, eu podia resistir a ele lendo o Novo Testamento e confiando em Cristo. Ele me proveu de amigos cristãos que me deram um lar. Depois de algum tempo fui batizada. Então, com fé plena, pude dizer que Jesus Cristo é o doador da salvação e da paz. Tal paz não pode ser dada pelo mundo; é um dom de Deus. Isto até aqui relatado é uma breve história pessoal escrita pela própria Qamar Zea.

Depois, ela foi para Karachi com sua família, procedente do sul da Índia, pouco depois da divisão do país. Um amigo escreveu a uma

obreira cristã, que foi ao seu encontro e ficou surpreendida com seu encanto e beleza. Nos poucos momentos que puderam conversar em particular, Qamar pediu à missionária que à noite lhe trouxesse um Novo Testamento. Logo, ela se foi de Karachi e não voltaram a se encontrar por sete anos, quando Qamar a procurou porque teve que abandonar o lar, pois estavam planejando seu casamento. Esse pequeno Novo Testamento, lido secretamente, tinha mantido viva sua fé, sem a ajuda de nenhum ser humano. Seus familiares seguiram-na para discutir com ela, e conseguiram que ela voltasse para visitar sua mãe por alguns dias.

Quando regressou com a missionária, foi enviada ao Norte, a Sahiwal, em Punjab, para morar na casa das enfermeiras do hospital cristão. Ali desfrutou do feliz companheirismo de outras moças cristãs, e preparou-se para seu batismo, depois do qual mudou seu nome para Ester. Ela participava totalmente da vida do hospital e se regozijava quando podia fazer o mais simples favor a alguém ou colaborar no evangelismo.

Mais tarde, foi ao Centro Unido de Treinamento Bíblico em Gujranwala. Como foi uma ótima aluna, de mente inquisidora, que não ficava satisfeita com soluções superficiais, conseguiu obter um discernimento e um domínio das Escrituras que envergonhava muitos cristãos maduros. Amava a Bíblia, e antes mesmo de seu batismo havia declarado: “Sinto que Deus quer que eu seja professora da Bíblia. Este livro tem grande poder. Quero que faça por outros o que fez por mim.” Durante umas férias de verão em Sahiwal ficou gravemente enferma, o que constituiu grande provação para ela. Deus deu-lhe vitória depois de muitas lágrimas e dúvidas, e sua saúde foi completamente restaurada.

Quando terminou seu curso, mudou-se para uma pequena cidade chamada Chichawatni. Ali, uma obreira cristã convidou-a para morar em sua casa e trabalhar com ela. Assim, instalou-se em seu novo lar, numa propriedade com muita água e sombra, no meio de árvores floridas. Ela costumava dizer que Chichawatni era seu precioso lar. Adotou o vestuário do lugar, que consistia em calças largas, em lugar do sari indiano e fez de tudo para aprender a língua punjab, embora nunca tenha conseguido dominá-la totalmente. Aprendeu a andar de bicicleta, algo que não é muito comum entre as mulheres do Paquistão, e quando ela e uma senhora de idade avançada saíam pedalando para visitar alguma cidadezinha ou aldeia vizinha, muitos curiosos se voltavam para vê-las.

Com essa senhora, ia a lares muçulmanos nos quais, segundo o costume, as mulheres ficavam reclusas a maior parte de suas vidas. Logo reconheceram que ela era de uma família muçulmana, e alguém lhe disse uma vez: “Em seu rosto ainda se reflete a luz do santo profeta Maomé!” Mas quando Ester começava a contar sua história e a falar de Jesus, o Messias, a admiração transformava-se em confusão e hostilidade. Com frequência lhe perguntavam: “ Como pode fazer

isto?”, ao que respondia: “A graça de Deus está sobre mim.” Então, com histórias, desenhos e cânticos, contava-lhes as boas novas de Jesus Cristo, e freqüentemente as pessoas a ouviam com fascínio. Às vezes zombavam dela e a rejeitavam, mas isso não a desanimava.

Quando passava o forte verão e entrava o inverno, ela ia com os missionários aos seus acampamentos nas vilas. Ficavam ali por cinco ou seis dias, ministrando os ensinamentos básicos à pequena congregação composta de gente pobre e, na sua maioria, analfabeta. Ester se deleitava, indentificando-se com eles e acompanhando os cânticos com o ritmo de seu tambor. Reunia-se com os colhedores de algodão, admirando a beleza da paisagem. No Natal estavam de volta e Ester se dedicava ao treinamento dos jovens para a apresentação de um bonito drama natalino.

Aqueles foram dias felizes. Entretanto, sua família escrevia-lhe freqüentemente, pressionando-a para que voltasse para casa. Ela preparou suas malas com a intenção de voltar no final do ano, mas não sentia paz em relação a isso. Depois de muita oração, sentou-se e escreveu uma carta, na qual colocava suas condições para regressar: que lhe permitissem viver como cristã e que não a obrigassem a se casar. Enviou a carta registrada pelo correio, mas nunca obteve resposta. Foi acampar por mais um mês com seus amigos cristãos, voltando prontamente com eles a Chichawatni, pois os pastores e evangelistas da região iam celebrar sua reunião mensal. Nessa noite, ela se encontrava ocupada, dando brilho nas panelas e cantando alegremente. Estava com um leve resfriado e por isso deitou-se mais cedo. A casa estava cheia de visitas. De alguma forma, um inimigo conseguiu entrar enquanto todos dormiam. Pela manhã, ela não saiu. Foi encontrada morta em sua cama, com a cabeça esmagada por algum instrumento pesado e cortante.

Foi enterrada no cemitério cristão de Sahiwal. Muçulmanos e cristãos foram ao serviço fúnebre e repetiram as palavras triunfantes de: “Sê fiel até a morte, e eu te darei a coroa da vida.” A polícia vasculhou a casa e estudou cuidadosamente seus livros e cartas, procurando alguma pista, talvez algum bilhete de um pretendente desiludido. A informação final ao dono da casa foi: “Senhor, não achamos pista nenhuma: ela estava somente enamorada de seu Cristo.” Uma bonita capela para uso do pessoal e dos pacientes, situada no terreno do hospital cristão de Sahiwal, constitui uma homenagem em sua memória.

Capítulo 11

Um Despertar Total

Razzaq Barakatullah

Ilhas Maurício

Meus pais eram da Índia, mas viviam em Maurício, um estado insular do Oceano Índico. Como muçulmanos fiéis, obedeciam ao pé da letra à lei islâmica. Criança ainda, aprendi a ler e escrever a língua urdu e a ler o Corão (embora sem compreendê-lo), e logo estudei numa escola secundária muçulmana, onde se dava muita ênfase à história, cultura e teologia do Islamismo. Eu cumpria com os requisitos de minha religião, mas pouco a pouco comecei a questionar sua importância.

Ensinarão-me que eu não podia ganhar o paraíso e a outra vida se não cumprisse com tais obrigações, e eu estava preocupado em saber se obteria a graça de Alá ou a sua desaprovação. Minha alma ansiava por um consolo que nem as orações, nem os jejuns, nem a leitura do Corão me proporcionavam. Decidi indagar até o mais profundo do Islamismo, muito além das tradições; e o único meio para isso era o estudo exaustivo do Corão. Comecei então, a lê-lo numa versão francesa.

Todos os muçulmanos crêem que a prova da origem divina do Corão está em sua inigualável beleza. Eu havia sentido essa beleza, quando o ouvi dos leitores profissionais na mesquita ou pelo rádio. Mas ao lê-lo em francês, fiquei confuso e desiludido pelo conteúdo, pois parecia estar cheio de contradições e duras ameaças. Minha fé foi sacudida ainda mais ao ler a sura trinta e três que relata como Maomé, tendo já nove esposas, recebeu uma revelação especial que o induziu a casar-se com a mulher de seu filho adotivo Zaid. Aparentemente a ele se aplicava uma norma diferente da que se exigia dos demais fiéis.

Com dezesseis anos, refleti sobre essas passagens, o que me levou a viver muitos meses com dúvidas e a fazer uma dolorosa auto-análise. Sem negar a beleza do Corão no idioma árabe, vi que isso não constituía evidência suficiente para comprovar sua origem divina. Também pensei na vitória do Islamismo: certamente Alá estava com eles! Mas nos últimos cinquenta anos, o comunismo também havia conseguido dominar as vidas de um terço da humanidade, e não podia, evidentemente, contar com a aprovação de Alá. Assim, enquanto o debate se travava em minha mente, abandonei o jejum e as orações, com exceção daquelas das sextas-feiras, nas quais meu pai insistia muito.

Alguns meses depois, estava sentado ao lado de meu pai na mesquita, refletindo se existia mesmo o paraíso e o inferno; se havia vida depois

da morte ou se ao morrer somos simplesmente eliminados. Então, refleti que a melhor maneira de servir a Alá era servindo ao próximo. Por isso, nesse instante, decidi dedicar minha vida para aliviar o sofrimento de outros por meio da medicina. Verifiquei que isso requeria muito sacrifício e abnegação e encontrei em mim o mesmo egoísmo e a mesma ambição que havia nos outros. Sempre sentia ansiedade pelo futuro: “Eu teria sucesso ou fracasso? Ou estaria sempre imerso na mediocridade?” Além disso, sofria de um complexo de inferioridade e de um sério problema de gagueira; por isso, estudei muito para provar quem era e mostrar a mim mesmo que podia superar meus colegas.

Pensei que se pudesse obter as melhores notas no exames preliminares, estaria satisfeito. Mas ao obtê-las, não senti a satisfação que esperava. Aconteceu a mesma coisa com os exames finais. Então, pensei que alcançaria finalmente a felicidade viajando para o exterior. Seria um estudante universitário, possuiria muito dinheiro e tomaria conta da minha própria vida.

Quando saí de casa, fiquei triste porque deixava meus pais, mas, ao mesmo tempo, estava cheio de esperança. Na Europa, com o clima úmido e frio, a dificuldade em encontrar um lugar e o choque do novo ambiente, logo desapareceu a emoção de estar num lugar diferente. Não tinha a quem recorrer. Assistia às aulas em salas enormes, com centenas de outros estudantes. Tudo era muito impessoal. Estava só o tempo todo, desesperadamente só no meio de uma multidão ativa e barulhenta. Procurei fazer amigos e só encontrei bons modos. Achava-me tão deprimido que fui falar com o reitor e lhe disse que iria abandonar a medicina. Ele me aconselhou para que não tomasse uma decisão precipitada, pois o primeiro ano é sempre deprimente. Continuei, mas questionando-me se algum dia alcançaria a paz e a serenidade, e se a felicidade não é mera ilusão.

Com esses pensamentos na mente, uma manhã encontrei-me com um jovem cristão fora da sala de aula. Ao nos conhecermos melhor, começamos a nos reunir para conversar sobre política e outros aspectos da vida. Sua atitude, dominada por uma fé viva em Deus, era positiva e confiante. Os outros viviam somente para os fins de semana, e eu ficava escandalizado e me repugnava a linguagem alterada com que contavam o que haviam feito. Grande parte do tempo, passavam-no na cama e o resto em bebedeiras e com mulheres e, assim, na segunda-feira estavam doentes. Eu pensava: que caricatura do que a vida deveria ser. Entretanto, minha própria conduta não era muito melhor. Eu não sabia como Ter uma vida plena e profunda.

Certa vez, o rapaz cristão apresentou-me ao grupo de jovens de sua Igreja e, novamente, impressionei-me ao ver como eram alegres e diferentes. Quando perguntei a um deles o motivo da alegria, ele me disse que a diferença estava em que eles tinham Jesus Cristo como Salvador e Senhor. Eu não tinha idéia do que isso significava; além disso, parecia-me estranho que pessoas sensatas pudessem crer que

Deus tivesse um Filho, Jesus Cristo, como os seres humanos. Entretanto, isso despertou minha curiosidade pela fé cristã. Meu amigo deu-me de presente um Novo Testamento numa versão antiga. Achei sua leitura difícil e irritante por causa dos arcaísmos e de palavras pouco conhecidas e, assim, depois de alguns capítulos, abandonei-o.

Um Sábado assisti uma reunião organizada pela turma jovem. Não me lembro muito da mensagem, mas me deram um livreto chamado “A medula do Cristianismo.” Ao chegar em casa, comecei a lê-lo. O autor explicava que a rebeldia do homem contra Deus nos afasta a tal ponto, que nada podemos fazer para chegar até Ele. Nossa relação chega a depender da lei e não do amor. Deus não podia nos reconciliar com Ele pela força, pois Seu desejo é ter filhos que sejam seres humanos e não robôs. Também não podia esquecer-se de nossa rebeldia ou simplesmente deixar-nos perecer, pois ama a cada um de nós. Ao encontrar-se frente a tal dilema, Deus fez algo inimaginável, que era a única solução. Na pessoa de um homem, Jesus de Nazaré, Ele mesmo desceu à humanidade, identificou-se totalmente com o homem e permitiu que o pecado dos homens e mulheres prevalecesse contra Ele. Ao ser executado como um criminoso qualquer e por acusações falsas, suportou as terríveis conseqüências de nossa maldade. Deus demonstrou, assim, de uma vez por todas seu imenso amor pelo ser humano e seu juízo contra o pecado. Na pessoa de Jesus, oferece-nos perdão e nos convida a nos reconciliarmos com Ele. “Agora, - perguntava o autor - qual é a tua resposta a esse amor? Como você se sentiria se alguém rejeitasse o amor e o cuidado que você está oferecendo?”

Mentalmente repassei os últimos anos de minha vida e reconheci que o amor de Deus e sua mão haviam me guiado. Deus respondeu às minhas orações em momentos difíceis, mas eu tinha me esquecido dEle de imediato. Lembrei-me de minha oposição a Jesus Cristo e como em certa ocasião eu tinha tomado pão e vinho, zombando da Ceia do Senhor. Ainda assim, Ele continuava me amando e cuidando de mim; não tive outra alternativa a não ser ajoelhar-me e pedir-lhe perdão.

Depois de uma noite bastante agitada, fui à Igreja, pois era domingo. Eu havia pensado muito em qual seria atitude de meus pais pela desonra que minha conversão traria à família. Como poderia com minha carreira, já que eu dependia financeiramente de meu pai? Meus amigos cristãos me disseram que eu deveria lançar toda minha ansiedade sobre Cristo, que me daria forças; mas eles não compreendiam a natureza do meu problema.

Entretanto, aprendi pouco a pouco o que significa Ter fé em Deus, e tornei-me mais corajoso para testemunhar à medida em que experimentava a graça de Deus em Cristo Jesus, de forma que todos meus compatriotas na cidade souberam da minha conversão. Logo comecei a fazer a mim mesmo muitas perguntas sobre a fé: a confiabilidade do Novo Testamento, o significado do fato de que Jesus é

o Filho de Deus, de sua morte, da Trindade, etc. Tinha que convencer-me de que o Cristianismo era razoável, que não havia lugar para a preguiça mental. Eu deveria compreender a fé e sua relação com a vida no mundo moderno.

Tornei-me cristão porque encontrei-me frente a frente com o amor de Deus na pessoa de Cristo. O que vivi depois e continuo experimentando é muito mais do que eu jamais havia esperado ou sonhado. Conheço a Deus como o Pai que ama e cuida de mim, não só pelo que Jesus ensinou, mas também pela maneira como Ele tratou a pessoas difíceis de amar, como Zaqueu (Lucas 19), ou a mulher samaritana (João 4).

Então, comecei a buscar a vontade de Deus e procurar cumpri-la pela sua graça. Oro não somente para obter algo, mas porque a comunhão com Deus é doce, refrescante e renovadora. Aprendi a aceitar a mim mesmo, porque tenho certeza de que Deus me ama e me aceita assim como sou. Dessa forma, pude começar a emocionante experiência de descobrir quem sou eu. Certas habilidades e capacidades, de cuja existência eu somente suspeitava, se evidenciaram e deram fruto. Meu complexo de inferioridade desapareceu e minha gagueira ficou quase imperceptível.

Para mim a conversão foi um despertar total: espiritual, emocional e intelectual. Fiz amizades profundas e que me satisfazem. Antes, quando me encontrava rodeado de europeus e africanos, eu era muito consciente da minha raça e cor; mas, agora, entre cristãos de qualquer raça, isso não tem mais importância. Este companheirismo é algo tão maravilhoso que sempre procurei sua causa. Encontrei a resposta com o apóstolo Paulo em Efésios 2.11-16: *“Mas agora em Cristo Jesus, vós que em outro tempo estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo. Porque Ele é nossa Paz.”* Por isso, quando conheço um cristão que leva a sério seu cristianismo, sinto imediatamente um laço de comunhão com ele, seja qual for sua raça ou educação.

Sob o domínio de Cristo estou aprendendo o significado da vida e o segredo da felicidade, a segurança de que em meio aos altos e baixos da vida, sempre posso apoiar-me no amor e na proteção imutáveis de Deus Todo-Poderoso. Tanto o sucesso como o fracasso passam a ser iguais na perspectiva de seu infinito amor. Agora não olho mais para o futuro com ansiedade, mas sim, com esperança, e isso dá emoção e espontaneidade à minha vida.

Capítulo 12

Era tudo o que eu havia sonhado

Maryam

Indonésia

Normalmente uma pessoa sente-se atraída por uma fé ou um determinado estilo de vida porque tem algum conhecimento a respeito, ainda que esse conhecimento seja limitado. Mas minha experiência foi diferente. Eu me sentiria envergonhada se tivesse que falar de toda a maldade que havia no meu coração. Mas, ao escrever isto, vejo como um espelho que reflete minha própria vida, e quero dizer que não recebi os mandamentos de Deus e a graça da salvação porque os compreendi, mas sim pela grandeza de seu poder.

Como muçulmana de nascimento, fazia todo o possível para cumprir os requisitos do Islamismo. Para mim, era algo muito natural, pois todos os meus antepassados haviam professando essa fé, a qual passaram a ensinar aos seus descendentes. Talvez o leitor se pergunte se eu conhecia bem o Islamismo e se tinha a segurança de que minha religião me daria a salvação eterna. A resposta é: não!

Eu via que os ensinamentos muçulmanos eram bons. De fato, em certo sentido, não diferem muito do que ensinava Jesus Cristo. No Corão, por exemplo, há instruções sobre como devemos nos comportar, semelhantes às que se encontram no Sermão da Montanha. Mas eu estava insegura quanto ao resultado de tudo o que fazia como muçulmana. Outra pergunta que fazia a mim mesma constantemente era: por que fazia tudo o que me diziam? Tive que admitir que, na realidade, era somente porque haviam me ensinado desde pequena. Além disso, eu achava que ninguém se importava se eu cria ou não em minha religião. Certamente não devo ser a única pessoa na Indonésia que teve essa experiência. A maioria em meu país cumpre suas obrigações religiosas pela mesma razão que eu: seguir a religião que receberam de seus pais.

Eu gostaria de contar-lhes como fui atraída à fé cristão, embora seja impossível explicá-lo exatamente. Sempre me pergunto por que ocorreu comigo, mas obviamente tratava-se da iniciativa de Deus para que eu fosse salva. O processo pelo qual cheguei a crer é muito simples. Um senhor que tinha uma Bíblia consigo veio visitar meu irmão e, enquanto eles conversavam, comecei a folheá-la. Gostei de lê-la e pude compreender algumas partes. Mas o homem foi embora com sua Bíblia antes que eu pudesse ler mais. Como me senti muito atraída e tinha

aproveitado bastante de sua leitura, pedi uma Bíblia emprestada a um ministro cristão. Ele ficou surpreso, pois sabia que eu era muçulmana.

Depois de ler e reler a Bíblia várias vezes, quis saber mais sobre os segredos que continha. Exerceram grande impacto sobre mim, especialmente os livros de Gênesis e o Evangelho de Mateus; senti um profundo desejo de pôr em prática o que lia. Mas ainda não tinha a coragem para contá-lo a ninguém, de modo que me calei. Não tinha um amigo para pedir ajuda ou fazer perguntas com relação à vida dos cristãos. Eu era muito tímida para ir à Igreja, já que não sabia o que as pessoas faziam ali. Mas, em meu coração, sempre desejava ir.

Finalmente decidi declarar minha fé. Comecei a freqüentar as aulas de religião cristã na minha escola, embora a princípio não compreendesse muito. Todos os outros estudantes eram cristãos e, quando eles iam à Igreja, eu os acompanhava. Este foi o ponto de partida de minha dedicação: resolvi fazer parte da comunhão dos crentes. Passei a participar ativamente na congregação, a ter mais coragem e a ser mais aberta e sincera com minha família.

Ainda havia muito obstáculos para vencer, pois meus pais e outros familiares, quando souberam que eu fazia parte da comunidade cristã, negaram-me a permissão para que me batizasse, embora não me impedissem de participar dos cultos da Igreja e de minhas atividades. Eu não queria ofendê-los e sabia que o batismo não é o fundamento de nossa salvação em Jesus Cristo, por isso continuei participando da Igreja e mantendo meus amigos cristãos. Vivi assim durante quatro anos. Quanto mais aprendia sobre o companheirismo cristão, mais me atraía. Era tudo o que eu sempre havia desejado, já antes de minha conversão.

Numa noite de Natal, pedi com decisão que me recebessem oficialmente na comunhão da Igreja. Fui batizada apesar de estar passando por uma fase de muita perseguição. Ao participar integralmente da comunhão em Cristo, passei a desejar a mesma vida que os demais crentes estavam experimentando. Sentia-me agora muito feliz, com mais paz, satisfação e estabilidade; comecei a compreender porque estava participando da vida cristã. Provavelmente não haja uma só razão que possa explicar por que minha relação com Deus parece ser hoje mais íntima do que nunca, mas agora tenho mais paz e entreguei-me à Sua vontade para minha vida.

Será que me sinto orgulhosa de ter a esperança de haver sido aceita como digna para apresentar-me perante Deus? Acaso sinto orgulho por compreender que sou pecadora? Não, claro que não! Mas desejo viver profundamente no amor de Jesus Cristo, como outros também o desejam, porque o que sinto como cristã é muito diferente daquilo que experimentei no passado. Sinto a grandeza do amor de Deus. Ele respondeu minhas orações. Esta é uma revelação que em tocou no mais íntimo de meu ser, a de viver no amor de Jesus Cristo.

Minha grande preocupação é ajudar aqueles que ainda não ouviram as boas-novas da salvação de Deus. Creio que não podemos nos dar ao luxo de não nos preocuparmos com aqueles que ainda não conhecem Cristo, nem receberam a salvação baseada em Seu amor. Muitas pessoas crêem que conhecem a Deus, mas na realidade somente conhecem sobre Deus e não são salvos. Seus corações não se abriram para receber Cristo, e isso é algo muito grave. Pensam que suas obras bastam para agradar a Deus, mas não compreendem ainda o verdadeiro significado do que fizeram, nem sabem se algum dia entrarão no reino dos céus. Devemos procurar uma forma de ajudá-los para que conheçam verdadeiramente a Deus por meio de Cristo.

Capítulo 13

Com Cristo vivo na plenitude

Talib Barwani

Zanzibar

Meus antepassados eram do sultanato de Omã, na península da Arábia. Estabeleceram-se em Zanzibar e se casaram com pessoas africanas. Meus pais eram muito carinhosos comigo; minha mãe, em especial, era uma muçulmana devota. Mandaram-me à escola corânica e aprendi a ler o Corão em árabe (embora sem compreender o significado), a rezar cinco vezes por dia, a jejuar durante do mês de Ramadã e a dar esmolas. Quando era adolescente tive vontade de viajar. Depois de fugir de casa várias vezes, consegui chegar a Bombaim, na Índia. Partindo dali, dei a volta ao mundo, trabalhando como grumete (aprendiz de marinheiro) num navio de carga. Voltei para minha casa, mas depois de um ano parti novamente para a Índia e o Golfo Pérsico. Depois, viajei para a Europa onde trabalhei e estudei, mas não consegui meus objetivos e comecei a viver uma vida licenciosa. Fiz tudo o que meu coração ditava, mas depois de algum tempo percebi que nada me bastava.

Um dia, sentado num café, encontrei-me totalmente decepcionado com meu estilo de vida. Alguém entrou comuns panfletos sobre as Forças Armadas. Senti que para mim qualquer coisa seria boa, desde que me afastasse do estado em que me encontrava. Assim, ingressei na Força Aérea e, depois das provas de habilitação e de um treinamento básico em eletrônica, enviaram-me à Líbia. Ali desfrutei a vida e fiz muitos amigos. Um deles chamava-se João, com quem costumava nadar e caminhar.

Uma noite ao voltar à barraca que dividíamos com outros três companheiros, vi João ajoelhado, orando. Foi uma surpresa para mim, pois jamais havia pensado nele como uma pessoa religiosa. Admirei-me de sua coragem de ajoelhar-se e orar numa barraca cheia de soldados. Assim que se levantou, perguntei-lhe por que de repente tornara-se tão religioso. Ele disse que não se tratava de ser religioso, sim, de ter Jesus Cristo em sua vida. Para mim, tudo era muito estranho, e pedi-lhe que me explicasse melhor. Disse-me que Jesus havia vindo ao mundo para salvar os pecadores e que havia tomado nosso lugar na cruz, carregando sobre si o castigo que merecíamos; explicou-me como Ele agora oferece perdão e vida eterna a todo aquele que O recebe com fé em seu coração.

Embora eu não praticasse minha religião, cria no Islamismo. Acreditava que Jesus era um profeta como Abraão, Noé e Moisés, mas, para mim, a idéia de que Ele fosse o Filho de Deus era uma blasfêmia. Eu criticava certos países que se diziam cristãos e, entretanto, maltratavam outros seres humanos em nome de Cristo. Isso contrastava com a fraternidade dos povos muçulmanos do Atlântico à China. Mas eu não sabia que alguns cristãos estavam orando por mim.

Um dia, embora eu realmente não tivesse interesse, conheci outro cristão chamado Pedro, que estava com uma Bíblia aberta nas mãos. Ele era sargento, mas achei-o diferente dos outros sargentos. Pedro mostrou-me como o Antigo Testamento profetizava sobre Cristo e como o Novo mostrava que Ele tinha vindo para cumprir essas profecias. Procurou Apocalipse e leu: *“Eis que eu estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e cearei com ele e ele comigo.”* (Apocalipse 3.20). Essas palavras do Senhor penetraram no meu coração. Apesar de minha crença de que os cristãos haviam alterado o Novo Testamento, eu sabia que essas palavras eram verdadeiras. Sabia que Jesus Cristo estava parado, chamando à porta do meu coração, e que somente eu podia abri-la ou fechá-la. Eu não queria tomar tal decisão; assim, despedi-me de Pedro e fui embora.

Lembro-me de que fui diretamente ao cinema para esquecer a experiência, mas as palavras de Jesus vinham sem cessar à minha mente: *“Eis que aqui estou à porta e chamo...”* Dizia a mim mesmo que isso era uma bobagem, um estado de espírito passageiro. Saí do cinema com a intenção de ir a um clube e beber. Em vez disso, fui à tenda que se usava como Igreja e ali quebrantei-me por completo. Ajoelhei-me e orei assim: *“Senhor Jesus, eu sei que Tu morreste na cruz por meus pecados. Tu és o que me salva de minha maldade: por favor, entra na minha vida agora, abro-te a porta do meu coração, sê meu Salvador e Senhor.”* Quando me levantei tinha uma paz profunda e uma grande alegria. Sabia que meus pecados tinham sido perdoados e queria contar para todos a maravilhosa experiência que tinha acabado de viver.

Um mês depois de minha conversão, tive a oportunidade de voltar na férias à minha casa em Zanzibar, após cinco anos de ausência. Eu temia o que poderia ocorrer quando soubesse que eu era cristão. As pessoas tinham a tendência de associar o Cristianismo ao imperialismo ocidental. Quando vi como minha mãe e minha família estavam felizes ao ver-me, procurei ocultar-lhes minha conversão, mas, depois de algum tempo, tive que falar-lhes sobre minha fé em Cristo. Eles não podiam compreender porque eu havia feito isso. Estavam perturbados e eu também, pois amava muito minha mãe. Mas não podia esperar que pessoas não cristãs entendessem que meu amor por Cristo tinha que ser mais forte que meu amor pelos membros mais queridos de minha família. Em resumo, de ambas as partes houve mal-entendidos, dor e lágrimas.

Desde esse momento Deus tem sido muito real para mim. Tive a oportunidade de comprovar quão perto Ele está nos momentos difíceis. Jesus satisfaz os desejos mais profundos de meu coração e nunca me arrependi, nem por um momento sequer, da decisão que tomei há quase dez anos, de abrir-lhe a porta de meu coração. O Senhor me deu uma maravilhosa esposa oriunda do Líbano que compartilha igualmente de minha fé e temos dois filhos pelos quais damos graças a Deus. Queremos servir ao Senhor em países muçulmanos, mas até o momento as portas ainda não nos foram abertas. Por meio do meu trabalho numa companhia especializada em eletrônica, encontro cada vez mais oportunidades para pregar e dar meu testemunho.

Minha fé em Cristo me ajuda a viver plenamente. Antes minha vida era vazia e cheia de preocupações; hoje, estou realmente feliz, pois, para mim, viver tem sentido, e o Senhor me ensinou a não preocupar-me com qualquer situação que se apresente. Aprendi, antes de qualquer coisa, a levar tudo a Deus em oração, tanto o insignificante como o mais importante. Ele me ensinou a não odiar a ninguém, não importando o que me tenham dito ou feito. Tenho uma grande sensação de segurança que não provém do que possuo, mas, sim, da fiança absoluta em meu Senhor.

A vida cristã não é fácil, mas é a mais maravilhosa, emocionante e satisfatória para minha alma que jamais conheci. Esta é a razão pela qual não há nada que dê mais alegria a minha esposa e a mim que aproveitar qualquer oportunidade para contar aos outros a boa nova do grande amor de Deus em Cristo Jesus para com os homens.

Se você é muçulmano uma breve declaração de fé cristã

Há um Deus verdadeiro e vivente, que é Espírito e Criador de todos os espíritos, sejam humanos ou angelicais, e de todo o universo que a ciência já nos revelou. Somente Ele é eterno e existente em Si mesmo, dependendo tudo o mais dEle. Deus está presente em Seu universo em todo lugar e em toda época, mas Se dá a conhecer em lugares e momentos específicos. As Escrituras do Antigo e Novo Testamento (a Torá, o Zabur e o Injil) constituem o registro supremo desta revelação que Deus nos dá de Si mesmo.

Atualmente existem cópias autênticas dos livros do Antigo Testamento em hebraico original, anteriores à Era Cristã, e também dos livros do Novo Testamento em grego, de uma data anterior à do ano 300 da Era Cristã (ou seja, vários séculos antes do profeta Maomé). As traduções da Bíblia baseiam-se em tais documentos históricos. Há pequenas variações entre as diferentes cópias antigas (manuscritos, códigos, etc.), mas são insignificantes. Não existe a menor evidência de que os judeus ou os cristãos tenham alterado deliberadamente as Escrituras, ou que tenha existido uma Torá ou um Injil diferentes do tempo em que Maomé disse: *“Somente há um Deus: o Deus vivo e eterno. Ele enviou o livro que contém a verdade, para confirmar as Escrituras que o precederam. Antes deixou o Pentateuco e o Evangelho, para que servisse de guia aos homens...”* (Sura 3.1, 2)

O fato de que Deus é um só, é o fundamento da Torá de Moisés. No Injil repete-se várias vezes este princípio, que sempre foi a fé dos cristãos. Ao mesmo tempo, a experiência dos primeiros discípulos ao observar a vida de Jesus e ouvir Suas palavras, levou-os à convicção de que Ele era, num sentido muito especial e divino: “Meu Senhor e meu Deus,” são as palavras de um deles.

Além disso, quando após a ascensão de Jesus ao céu e de acordo com sua clara promessa, o Espírito Santo desceu sobre os discípulos que O esperavam, e eles comprovaram que Deus estava trabalhando entre os homens sem ser visto, não somente como um poder ou uma influência, mas em forma pessoal. Portanto, o Espírito Santo também é uma pessoa. Os cristãos tradicionalmente falavam de três “Pessoas” em um só Deus, a Santíssima Trindade, mas neste caso, a palavra “Pessoa” não deve ser entendida no seu sentido mais comum. As “Pessoas” divinas estão vinculadas entre si na unidade da Trindade, mais intimamente do que jamais poderiam estar os seres humanos.

Nenhuma analogia terrena pode explicar adequadamente o que é a divina Trindade; portanto, não devemos nos surpreender que a mente humana seja incapaz de compreender totalmente o mistério de nosso maravilhoso Deus, que é o verdadeiramente “Al Ghaib” (O Escondido). Nossa capacidade para entender Sua grandeza e Seu mistério é tão

limitada como a de um gato (para usar uma ilustração familiar) para compreender o que faço quando leio um livro, ou oro. Mas, nenhuma explicação sobre a Trindade é válida se não reafirma a unidade de Deus.

Deus enviou Seus profetas através dos tempos para revelar à humanidade Sua vontade e algo sobre Sua natureza e para chamar o homem ao arrependimento e à obediência. Mas, quando chegou o momento propício, Deus mesmo tomou a forma humana na pessoa de Jesus, o filho de Maria. Não fez isso para apagar Sua divindade e aparentar ser um homem, mas para que a natureza humana e a divina fossem combinadas maravilhosamente em Uma só pessoa. Quando O chamamos de “Filho de Deus” não nos referimos à Sua concepção milagrosa, já que Cristo é o Filho de Deus desde toda a eternidade, e seria uma blasfêmia pensar que de alguma forma o Deus glorioso tomou forma humana para ter relações físicas com uma pessoa humana (Maria), por mais pura que ela fosse.

Esse título é uma metáfora que fala daquele que possui a natureza de seu Pai (como os filhos humanos), mas está mais perto do coração de Deus. Como homem, Jesus teve fome, sede, cansaço, sentiu tristeza, foi tentado, sofre e morreu. Ao mesmo tempo, através de Sua vida de perfeição, mostrou o que Deus queria que o ser humano fosse. Como verdadeiro Deus, manifestou a glória divina por toda a Sua vida, e na ressurreição, triunfou sobre a morte. Sofrendo pela humanidade, oferecendo-Se a Si mesmo como sacrifício perfeito pelo pecado humano, revelou o assombroso amor de Deus, pois o amor, por sua própria natureza, supõe sofrimento e um Deus amoroso também deve ser um Deus sofredor. Por isso a cruz é um símbolo tão significativo para os cristãos. Um discípulo de Cristo pode dizer: “amou-me e Se entregou a Si mesmo por mim.” Este amor sacrificial foi a grande e fantástica motivação para o amor e o serviço entre os Seus seguidores. Por que teve de sofrer? Porque desde Adão os homens e as mulheres são pecadores e se rebelaram contra o Deus Santo, tornando-se merecedores de Seu juízo. Nem as boas obras, nem o sofrimento voluntário, podem compensar os pecados de ninguém, por mais justo que aparente ser. Somente o sacrifício de um homem perfeito que é o próprio Deus será suficiente para apagar seus pecados. Ao derrubar a barreira das transgressões, o sacrifício de Cristo restabelece o vínculo entre Deus e o homem, para que assim este possa receber o Dom de Deus que é o perdão gratuito e a vida eterna.

Somente pela fé, pode-se receber a assombrosa graça de Deus que Cristo nos oferece. Esta fé, entretanto, não implica somente crer com o intelecto, também significa confiar em Jesus com todo o coração e consagrar a Ele nossa vontade. Desta forma, podemos ver que não se trata, como disseram alguns, de que a propiciação de Cristo nos dá liberdade para pecar. Ao contrário, ela nos transforma em novas pessoas, e por isso, não temos mais desejo de pecar.

A nova vida em Cristo traz consigo o Dom do Espírito Santo, que entra em nossas vidas e pouco a pouco produz em nós as qualidades de Jesus: amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fé, mansidão e temperança. Mas para isso, devemos cooperar ativamente e utilizar os meios que Deus nos deu para crescer espiritualmente: a adoração com outros cristãos, a oração individual e pessoal, o estudo inteligente da Bíblia e sua meditação, não a mera repetição de suas palavras. O Espírito Santo nos fortalece para servir a Cristo e nos reveste de dons especiais, os quais podem ser usados para ajudar outros e edificar a comunidade cristã;

Finalmente, chegará o dia como Cristo prometeu, em que Deus intervirá uma vez mais na história do homem mediante a volta gloriosa de Jesus Cristo, com o que esta era terá fim e o mundo tal qual o conhecemos desaparecerá. O cristão espera, seja nesse momento ou depois de sua morte, viver na presença de Deus, sem ser assediado pelo poder e a presença do pecado, naquele reino celestial onde todo o mal terá desaparecido, e o povo de Deus desfrutará por toda a eternidade da visão perfeita de Sua beleza.

Glossário

ALÁ (Allah): nome comum com que os muçulmanos designam a Deus.

CORÃO: livro sagrado do Islamismo, supostamente revelado a Maomé pelo Arcanjo Gabriel e ditado a seus discípulos durante seus últimos vinte e três anos de vida. Foi escrito em árabe e consta de 114 capítulos (suras); constitui o fundamento da civilização muçulmana, a única fonte do direito, da moral, da administração, etc.

XIITAS: grupo minoritário e mais conservador em que se divide o Islamismo (o outro é o sunita). Atualmente, os xiitas dominam em particular o Iraque e o Irã.

FATIHA: primeira sura do Corão, que é usada pelos fiéis como uma oração

INJIL: Evangelho.

ISLAMISMO: nome dado à religião muçulmana que inclui também a força militar, econômica, política, cultural, etc., de aproximadamente um bilhão de seguidores de Maomé.

ISSA: Jesus.

SHEIK: chefe que governa um território ou província.

JIHAD: guerra santa contra os infiéis.

MAOMÉ (Muhammad): fundador da religião islâmica, nascido em Meca (Arábia Saudita) por volta do ano 570 d.C.; morreu em 632. Depois de meditar durante quinze anos na reforma religiosa e social da nação árabe, converteu numerosos discípulos, mas formou também um grande número de adversários e teve que fugir (Égira) em 622, data que assinala o início da era muçulmana. Estourou a guerra e Maomé, vencedor, fez em 629 a solene viagem a Meca, da qual se apoderou em 630. Pouco a pouco submeteu todas as tribos rebeldes e fundou definitivamente o Islamismo.

MECA: cidade santa dos muçulmanos, na Arábia Saudita. Os muçulmanos têm a obrigação de visitá-la pelo menos uma vez na vida.

MESQUITA: edifício religioso dos muçulmanos.

MINARETE: torre da mesquita da qual os fiéis são chamados à oração.

“MUEZIN”: sacerdote muçulmano que, da torre da mesquita, chama o povo à oração cinco vezes ao dia.

MUÇULMANO: vocábulo que designa os fiéis do Islamismo e que significa “submetido a Deus”.

PATHAN: tribo que habita principalmente o Afeganistão.

RAMADÃ: o nono mês do ano lunar muçulmano, consagrado ao jejum desde o nascer até o pôr do sol.

SARI: peça principal do vestido das mulheres indianas, consistindo num manto comprido que se enrola sobre o corpo e algumas vezes também cobre a cabeça.

SHARIF: título de nobreza.

SIKHS: seita religiosa da Índia.

SUFI: partidário do Sufismo, doutrina mística, professada por alguns muçulmanos, principalmente no Irã.

SULTÃO: nome dado pelos muçulmanos a determinados príncipes.

SUNITA: grupo majoritário em que se divide o Islamismo desde a antigüidade.

SURA: cada um dos 14 capítulos em que se divide o Corão.

TORÁ: os livros do Pentateuco (de Gênesis a Deuteronômio).